



**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Motricidade Humana**



## **Relatório Final de Estágio Pedagógico**

Relatório Final de Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica 2,3  
Gaspar Correia, com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino  
da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**Presidente:**

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

**Vogais:**

Doutora Ana Maria Silva Santos

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro

Mestre Luís Manuel de Almeida Duarte

**Alexandre Miguel Fagundes Mártires**

**2014**

## **Agradecimentos**

Ao professor Luís Duarte por todo o conhecimento que me transmitiu e por provocar sempre momentos de boa disposição.

À professora Maria da Conceição Pedro pela supervisão de qualidade que realizou.

Aos meus colegas de estágio, por proporcionarem um ambiente salutar todos os dias, propício à amizade e bem-estar.

Ao meu colega e amigo Diogo Soares pelos longos anos e viagens que vivenciamos juntos para atingir este objetivo.

À minha mãe e à minha irmã, pelo constante apoio e por acreditarem sempre em mim.

Por último, mas não menos importante, à minha namorada Rebeca Venâncio, um obrigado muito especial. Em prol deste sonho profissional, muitas foram as horas de trabalho que roubaram a minha presença. O seu apoio, confiança e dedicação foram fundamentais para que conseguisse atingir os objetivos. Sem a sua paciência e calma nada teria sido possível.

## Resumo

O presente relatório caracteriza-se como uma análise reflexiva de todo o processo que constitui o estágio pedagógico, que está inserido no mestrado em ensino da educação física nos ensinos básico e secundário da Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.

O estágio foi realizado na escola básica 2,3 Gaspar Correia, tendo como principal documento orientador o guia de estágio 2013/2014.

Toda a análise realizada ao longo deste documento teve em conta as competências a desenvolver nas 4 áreas de intervenção do processo formativo: área 1 – organização e gestão do ensino e da aprendizagem; área 2 – inovação e investigação pedagógica; área 3 – participação na escola; área – 4 relação com a comunidade. Em cada área foi efetuada uma descrição, análise, reflexão e projeção acerca de todo o trabalho realizado.

Por fim realizo uma reflexão em que reporto a ligação das diferentes áreas e refiro os contributos que este estágio provocou na minha formação.

**Palavras-Chave:** ensino; aprendizagem; educação física; formação; reflexão; análise; investigação pedagógica; escola.

## **Abstract**

This work is a reflexive analysis of the entire process of my internship, which is inserted in the master's degree in teaching physical education in primary and secondary education at the Faculdade de Motricidade Humana, of the University of Lisbon.

The internship was performed in the primary school 2.3 Gaspar Correia, where our main guiding document was the Internship 2013/2014 guide.

All analysis performed throughout this document took into account the skills to be developed in four areas of intervention in the formative process: area 1 - organization and management of teaching and learning; area 2 - innovation and educational research; Area 3 - participation in school; area - 4 relationship with the community. In this document I have made the description, analysis, reflection and projection about all the work done in each area.

Finally I intend to reflect the binding of different areas and contributions in my learning process.

**Keywords:** teaching; learning; physical education; training; reflection; analysis; pedagogical research; school.

# Índice

1. Introdução .....	1
2. Contextualização .....	2
2.1. Professor de Educação Física – Porquê? .....	2
2.2. Agrupamento de escolas de Portela e Moscavide .....	3
2.3. Escola Básica 2,3 Gaspar Correia .....	6
2.4. Departamento de Educação Física .....	8
2.5. Núcleo de Estágio .....	9
2.6. Potencialidades .....	10
3. Análise do processo formativo .....	11
3.1. Área 1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem .....	11
3.1.1. Turma .....	11
3.1.2. Planeamento .....	12
3.1.3. Avaliação .....	20
3.1.4. Condução .....	24
3.2. Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica .....	31
3.3. Área 3 – Participação na Escola .....	36
3.3.1. Análise – Desporto escolar .....	36
3.3.2. Análise – Atividade interna .....	39
3.4. Área 4 – Relação com a comunidade .....	43
3.4.1. Estudo de turma .....	43
3.4.2. Acompanhamento direção de turma .....	44
4. Reflexão Final .....	46
5. Referências Bibliográficas .....	50

## **Índice de anexos**

Anexo 1 – Projeto Educativo AEPM

Anexo 2 – Regulamento Interno AEPM

Anexo 3 – Protocolo de avaliação inicial

Anexo 4 – Estudo de turma, 9º ano turma 1

Anexo 5 – Plano anual de turma

Anexo 6 – Projeto curricular de Educação Física

Anexo 7 – Projeto X Festival Ginástica da Portela

Anexo 8 – Projeto Passeio de Bicicleta

## **Abreviaturas**

EF – Educação Física

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

EB – Escola Básica

AEPM – Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide

AFD – Atividade Físico-Desportiva

AEC – Atividades extra curriculares

PE – Projeto Educativo

RI – Regulamento Interno

EEFM – Expressão e Educação Física-Motora

DEF – Departamento de Educação Física

NE – Núcleo de Estágio

PAT – Plano Anual de Turma

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

PAI – Protocolo de Avaliação Inicial

AI – Avaliação Inicial

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

PCEF – Projeto Curricular de Educação Física

ZSAF – Zona Saudável de Aptidão Física

AS – Avaliação Sumativa

SPTI – Semana do Professor a tempo inteiro

SPEF – Sociedade Portuguesa de Educação Física

# 1. Introdução

O estágio pedagógico em Educação Física (EF) é parte integrante do 2º ano de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, que desenvolvi na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) pertencente à Universidade de Lisboa e representou o culminar de todo um processo de formação e aprendizagem. A Escola Básica (EB) 2, 3 Gaspar Correia, que está inserida no Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide (AEPM), foi o local onde desenvolvi todas as minhas atividades que estão inerentes ao estágio pedagógico.

Pretendo através deste documento fazer não apenas uma descrição do que sucedeu no estágio, mas também uma reflexão e análise sobre o mesmo, procurando sempre sustentar com fundamentos teóricos. Tendo a consciência que o processo de formação de um professor nunca tem o seu término, tentarei projetar o meu futuro profissional de modo a que me possa vir a tornar um melhor professor.

Este relatório é constituído por 3 pontos essenciais: contextualização, análise do processo formativo e reflexão final.

No 1º ponto começo por fazer uma contextualização do estágio pedagógico, descrevendo e refletindo sobre o contexto que me foi apresentado ao longo do ano letivo.

No 2º ponto pretendo analisar o processo formativo nas diferentes áreas abordadas através de uma descrição, reflexão e análise crítica de tudo o que se sucedeu, nomeadamente na área 1 – organização e gestão do ensino e aprendizagem, na área 2 – inovação e investigação pedagógica, na área 3 – participação na escola e na área 4 – relação com a comunidade.

No último ponto pretendo realizar uma reflexão final, onde abordo quais os efeitos pessoais e profissionais que obtive com a realização deste estágio pedagógico. Pretendo ainda refletir sobre as necessidades formativas que vão prevalecer no meu futuro como docente.



## **2. Contextualização**

### **2.1. Professor de Educação Física – Porquê?**

Segundo Chaves (2007):

A aprendizagem da profissão docente não tem o seu início na frequência a uma licenciatura, senão nos próprios bancos escolares onde acontece a sedimentação das crenças pessoais acerca do estar e do ser professor, estendendo-se mesmo até à reforma laboral.

Foi muito cedo que descobri o fascínio pelo desporto, nomeadamente como praticante. Com 8 anos comecei por praticar Futebol e Ténis. Durante a minha infância pratiquei ainda outros desportos: Andebol, Basquetebol, Ginástica, Natação e Vela. Estive, portanto, próximo de várias modalidades, o que permitiu ter acesso a um excelente leque de vivências. Ainda hoje mantenho uma atividade física regular, sendo praticante federado na modalidade de Futebol.

No 5º ano de escolaridade tive o primeiro contacto com a EF, e desde daí começou o sonho de um dia poder ser professor de EF. Era a minha disciplina favorita e os professores um exemplo que um dia queria seguir. Concluído o ensino secundário, a minha ideia foi prosseguir os estudos num curso que envolvesse a EF e o desporto. O sonho era a FMH. Candidatei-me a várias faculdades e acabei por entrar na Escola Superior de Desporto de Rio Maior no curso de Treino Desportivo, na especialidade de Futebol. Durante 4 anos realizei a minha licenciatura, mas terminei o último ano com a sensação de que faltava acrescentar alguma coisa ao meu processo de formação. Durante o 2º ano da licenciatura tive a oportunidade de aplicar os conhecimentos e competências que ia adquirindo numa equipa de futebol de formação. No 3º ano de licenciatura tive a possibilidade de lecionar atividade físico-desportiva (AFD), nas atividades extra curriculares (AEC), no 1º ciclo do ensino básico no agrupamento de escolas da Benedita. Lecionei as AEC durante 3 anos, o que incrementou o meu gosto pelo ensino na área da EF.

Fiz uma pausa de um ano nos estudos e depois decidi concorrer ao mestrado no ensino da EF no ensino básico e secundário da FMH. Estou agora no culminar desta etapa de formação e quase a atingir o meu sonho.

Apesar de ter a consciência das dificuldades em que o país se encontra e o quão difícil está a construção de uma carreira no ensino de EF, estou preparado para lutar e esperar

por uma oportunidade e acima de tudo para defender o estatuto que a disciplina de EF deve ter no currículo dos alunos.

## **2.2. Agrupamento de escolas de Portela e Moscavide**

Todas as atividades produzidas durante o estágio pedagógico foram realizadas no AEPM, que se situa no concelho de Loures, e que abrange essencialmente a freguesia de Portela e Moscavide. Esta freguesia resultou da junção de duas freguesias que anteriormente se encontravam separadas, a freguesia da Portela e a freguesia de Moscavide. Apesar da junção das freguesias, Portela e Moscavide mantêm características particulares. Na Portela situa-se uma grande urbanização com cerca de 30000 habitantes que pertencem a um estatuto sociocultural médio e médio-alto, situam-se ainda bairros periféricos onde se cruzam populações de etnias e religiões diferenciadas na maioria provenientes de ex-colónias, evidenciando um elevado nível de desenraizamento. Em Moscavide nos últimos anos assistiu-se à chega de muitos imigrantes provenientes dos países do leste, onde reside um estrato populacional sociocultural médio-baixo.

O AEPM iniciou a sua atividade em 2003, nessa altura era composto por 4 escolas, sendo a escola sede a EB 2,3 Gaspar Correia. Em 2010 o agrupamento passou a integrar a Escola Secundária da Portela que passou a ser a escola sede. O AEPM engloba então 5 escolas: EB 1/JI da Portela, EB 1/JI Quinta da Alegria e EB 1 Dr. Catela Gomes, EB 2,3 Gaspar Correia e a Escola Secundária da Portela.

Foram elaborados documentos que ajudam a uniformizar todo o processo educativo do AEPM, nomeadamente: o Regulamento Interno (RI), o Projeto Educativo (PE) e o plano anual e plurianual de atividades.

O RI é o documento de base essencial para a organização e estruturação do funcionamento do AEPM, este define “o regime de funcionamento do Agrupamento, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar.” (Regulamento Interno, 2012)

Neste documento é explícito que o AEPM é responsável por tomar decisões em vários domínios, nomeadamente na elaboração de instrumentos como o PE e o plano anual e plurianual de atividades.

O Projeto Educativo (2011/2015):

Consagra a orientação educativa do Agrupamento, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de quatro anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias, segundo os quais o Agrupamento se propõe cumprir a sua função educativa.

Através da leitura e análise que realizei a este documento consegui ficar a conhecer características específicas deste agrupamento. Os relatórios de autoavaliação de todo o agrupamento e os relatórios de avaliação externa permitiram identificar 6 áreas em que devem ocorrer melhorias no agrupamento, como vem referido no Projeto Educativo (2011/2015):

1 - Melhorar a comunicação no agrupamento; 2 - Promover o envolvimento do pessoal não docente na vida do agrupamento; 3 - Diminuir a indisciplina; 4 - Promover uma melhor articulação entre ciclos; 5 - Melhorar o tratamento de dados; 6 - Promover o sucesso educativo no agrupamento.

Destaco o ponto 1 e o ponto 4, dos 5 princípios orientadores que fazem parte da Lei de Bases do Sistema Educativo e que estão presentes no Projeto Educativo (2011/2015):

1 - Promover uma cultura de rigor, de exigência e de responsabilidade atendendo aos princípios de equidade, de justiça e de igualdade de oportunidades; 2 - Promover a interatividade entre os vários elementos da Comunidade Escolar, reforçando as lideranças partilhadas, a responsabilização e a tomada de decisões; 3 - Promover as condições de segurança e bem-estar em todo o espaço escolar; 4 - Concertar os recursos e as estratégias para o combate à indisciplina promovendo uma cultura de cidadania; 5 - Privilegiar a articulação vertical entre as diferentes escolas, os vários ciclos de ensino e anos de escolaridade.

No 1º princípio orientador foi definido como um dos objetivos “proporcionar aos alunos um percurso escolar coerente, articulado e sequencial do pré-escolar ao 12º ano de escolaridade.” (Projeto Educativo, 2011/2015), Para atingir este objetivo uma das estratégias que o agrupamento assumiu é a “articulação da Disciplina de Educação Física com a área de Expressão e Educação Física-Motora no 4º ano” (Projeto Educativo, 2011/2015). A grande meta a atingir era que os alunos do 4º ano tivessem 90’ semanais de Expressão e Educação Física-Motora (EEFM). A articulação da disciplina de EF com a área da EEFM foi realizado através de um processo de coadjuvação entre os professores de EF do departamento e os professores titulares de turma do 4º ano, onde os professores de EF ficavam responsáveis por 45’ semanais da leção da EEFM. Neste horário semanal foram os professores de EF os responsáveis quer pelo planeamento quer pela

condução das sessões. Este processo desenrolou-se ao longo do ano de uma forma muito positiva, no entanto a meta dos 90' semanais de EEFM não foi atingida. Para além deste ponto negativo, existe outro que penso que deve ser identificado, o processo de coadjuvação requer uma cooperação entre os professores de EF e os professores do 1º ciclo, o que muitas vezes não se verificou. Muitas vezes os professores do 1º ciclo alheavam-se um pouco das sessões, estavam presentes fisicamente mas no entanto não demonstravam interesse pelas sessões e optavam muitas vezes por realizar outras tarefas inerentes à turma. Este processo de coadjuvação apenas ocorreu junto dos alunos do 4º ano, pelo que seria importante que a lecionação de EEFM se alargasse aos outros anos do 1º ciclo, pois só assim o processo de ensino passaria a ser coerente, articulado e sequencial.

No 4º princípio orientador foi definido como um dos objetivos “programar atividades de promoção de estilos de vida saudáveis” (Projeto Educativo, 2011/2015), e uma das estratégias criada para atingir este objetivo foi a “organização de atividades no âmbito da educação para a saúde, nas vertentes da Sexualidade, Alimentação e Atividade Física, Consumo de Substâncias Psicoativas e Violência em Meio Escolar/Saúde Mental” (Projeto Educativo, 2011/2015) outro dos objetivos traçados foi a “promoção de atividades que visam o contacto com a natureza.” (Projeto Educativo, 2011/2015). O AEPM organizou durante o ano letivo atividades e também palestras sobre a sexualidade, alimentação e sobre o consumo de substâncias psicoativas.

Foram criadas imensas atividades pelo departamento de educação física (DEF) com o principal objetivo de proporcionar aos alunos momentos de atividade física que proporcionassem a promoção de estilos de vida ativos e saudáveis. O núcleo de estágio (NE) promoveu também uma atividade para toda a comunidade escolar em que o principal objetivo era criar nos participantes hábitos de vida ativos e saudáveis. O NE contribuiu ativamente para que este grande objetivo presente no PE fosse atingido e foi ao encontro de outro dos princípios orientadores referidos anteriormente neste documento que é o de promover a interação entre os vários elementos da comunidade escolar.

O plano de atividades é o documento que “define, em função do Projeto Educativo, os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades e procede à identificação dos recursos necessários à sua execução.” (Regulamento Interno, 2012). Este plano tem como principal preocupação a melhoria da qualidade de ensino no AEPM. Neste documento são estabelecidas as atividades a realizar no agrupamento, particularmente as visitas de estudo, as exposições, as palestras/debates, as atividades inseridas em projetos, e a formação.

Estes documentos são em suma algo imprescindível para que todos os agentes que estão envolvidos num processo de ensino tenham uma linha condutora e compreendam os grandes objetivos a que o AEPM se propõe. A existência destes documentos faz com que todo o processo de ensino esteja organizado e acima de tudo muito bem orientado.

### **2.3. Escola Básica 2,3 Gaspar Correia**

A EB 2,3 Gaspar Correia foi a escola onde desenvolvi a grande maioria das atividades relacionadas com o estágio. Esta escola situa-se na Avenida das Escolas, nº 9, 2685-204 Portela e acolhe alunos provenientes preferencialmente da freguesia da Portela e Moscavide, mas também de outras freguesias vizinhas. A escola tem como patrono Gaspar Correia que foi um cronista do séc. VI e autor da obra “Lendas da Índia”. Este já serviu de inspiração para diversas atividades dinamizadas na escola, são disso exemplos algumas reconstituições históricas e participações em atividades culturais relacionadas com os descobrimentos.

Neste ano letivo a EB 2,3 Gaspar Correia contou com 596 alunos distribuídos por 23 turmas. As turmas têm mais prevalência no 2º ciclo, contabilizando-se um total 14 turmas, 9 no 5º ano e 5 no 6º ano. O 3º ciclo comporta 9 turmas, 3 em cada um dos anos. No 5º ano a média de idades situa-se nos 10 anos e no 6º nos 11 anos. A média das idades no 7º e no 8º é de cerca de 13 anos. No 9º ano a média de idades é de 14 anos. Através da análise da média de idades nos anos de escolaridade pode-se chegar à conclusão que os alunos sentem algumas dificuldades em transitar do 7º para o 8º ano. Creio que estas dificuldades apresentadas pelos alunos podem estar relacionadas com o acréscimo de complexidade que o 3º ciclo tem em relação ao 2º ciclo. Os alunos podem não ter a capacidade de se adaptarem às novas exigências que lhes são solicitadas.

Em relação às infraestruturas a escola contabiliza um total de 7 pavilhões, sendo um destes um pavilhão gimnodesportivo. A escola possui ainda um espaço exterior muito amplo que pode proporcionar a prática de várias atividades. Os pavilhões A, B e C são onde estão inseridas as salas de aula. No pavilhão C é importante destacar o gabinete do serviço de psicologia e orientação. A biblioteca escolar situa-se no pavilhão D que possui igualmente salas de aula. O pavilhão E dispõe dos bares, tanto para os alunos como para os professores, assim como sala de professores, papelaria e sala de convívio dos alunos. Existe ainda um pavilhão que contempla o refeitório, a cozinha, a sala de diretores de turma, e a sala da coordenação da escola. Todos os pavilhões estão interligados por uma

galeria coberta para facilitar a circulação de alunos e professores quando as condições climáticas se encontram mais adversas.

Os espaços disponíveis para a lecionação da EF são 2: o pavilhão ginnodesportivo e os campos exteriores. Na EB 2,3 Gaspar Correia, os espaços da EF estão definidos como G1, G2 e G3. Os espaços G1 e G2 correspondem ao pavilhão. O espaço G1 representa 1/3 da totalidade do pavilhão e é onde os professores geralmente lecionam a matéria de ginástica, este espaço possui ainda 2 cestos de basquetebol e uma baliza de andebol. O espaço G2 corresponde a 2/3 do pavilhão e é onde os professores normalmente lecionam os jogos desportivos coletivos (JDC), este espaço contém 4 tabelas de basquetebol e uma baliza de andebol. Os espaços estão separados por uma cortina que se recolhe/estende sempre que necessário. O espaço G3 representa o espaço exterior, que contabiliza uma pista de atletismo com um campo de futsal/andebol no meio, 3 campos de basquetebol, 1 campo de voleibol, 1 campo de futsal/andebol e 1 caixa de saltos. Apesar deste grande número de campos apenas a pista de atletismo com o campo de futsal/andebol, o campo de voleibol e o campo de basquetebol têm condições para a prática da EF. Os outros espaços encontram-se muito degradados, não apresentando condições para a prática desportiva. Seria uma boa opção realizar obras nestes locais, requalificando assim as condições para a prática da EF. Estes melhoramentos nos espaços exteriores permitiriam, certamente, um incremento da prática de atividade física nos intervalos. Pelo que observei ao longo do ano, a atividade física – ainda que informal - é uma constante no quotidiano destes alunos, o que significa que os jovens já apresentam uma grande predisposição para exercitarem o corpo.

Na EB 2,3 Gaspar Correia o número máximo de turmas que tem EF simultaneamente é de 3, portanto sempre que as condições climáticas ou a visibilidade não permita que uma turma utilize o espaço G3, essa turma é transferida para o pavilhão e cada turma tem à sua disposição 1/3 do pavilhão. Penso que esta situação é benéfica uma vez que permite às turmas terem aulas práticas durante todo o ano letivo. No entanto, esta situação vai condicionar um pouco o planeamento dos professores e conseqüentemente a obtenção dos objetivos propostos. Outro aspeto negativo é o ruído que cerca de 80 alunos provocam num pavilhão, pelo que se torna difícil realizar momentos de instrução e acima de tudo intervir junto dos alunos através do feedback. Durante o ano letivo, na turma em que lecionei, esta situação ocorreu em 4 situações e nas 4 vezes tinha sempre um plano de aula alternativo para usar. Isto obrigou-me a desenvolver uma boa capacidade de adaptação perante a ocorrência de adversidades.

O roulement presente na escola contempla 3 rotações: A, B e C. Cada rotação mantinha-se por um período de 2 semanas. Em cada uma das rotações as turmas não ocupavam sempre o mesmo espaço. A turma que me foi atribuída na rotação A, ocupava no bloco de 45' o espaço G2 e no bloco de 90' o espaço G1. Na rotação B, ocupava no bloco de 45' o espaço G3 e no bloco de 90' o espaço G2. Na rotação C, ocupava no bloco de 45' o espaço G1 e no bloco de 90' o espaço G3. Na minha opinião, as rotações deveriam contemplar apenas um espaço, na medida em que, em cada rotação, cada turma permaneceria 6 aulas no mesmo local. Considero que esta estratégia agilizava a realização de um planeamento ajustado, pelo que esta sugestão será transmitida oportunamente em reunião de departamento.

No que respeita aos recursos materiais, a escola esta bem equipada, uma vez que tem materiais diversificados e em grande quantidade e que contribuem positivamente para a lecionação e condução das aulas. Este aspeto é importantíssimo uma vez que o professor não tem que se preocupar com o mesmo quando realiza o planeamento, poderá lecionar a matéria que quiser pois sabe que não terá condicionalismos em relação ao material.

Desde o primeiro dia em que iniciei este percurso na escola senti que fui bem acolhido por toda a comunidade escolar. Este aspeto foi essencial na medida em que foi criado um clima muito bom e propício ao desenvolvimento tranquilo das tarefas do estágio. A relação existente entre todos os intervenientes promoveu a inclusão de todas as pessoas, o que favoreceu sempre as condições ótimas ao desenvolvimento de qualquer atividade.

## **2.4. Departamento de Educação Física**

O AEPM tem uma particularidade em relação ao DEF que é a de este ser autónomo. O DEF é composto por 20 professores de EF sendo que 5 são professores estagiários, 3 da FMH e 2 da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. É importante referir que há professores que apenas lecionaram na EB 2,3 Gaspar Correia, outros apenas lecionaram na ESP e outros lecionaram em ambas as escolas. A relação entre os membros do departamento foi positiva, no entanto denotou-se maior confiança entre os professores que trabalham nas mesmas escolas. Identifiquei uma divisão no que respeita às ideias e conceções dos professores de EF de uma escola para a outra, o que muitas vezes ocasiona, nas reuniões, algumas discussões que nem sempre culminam num consenso. Senti que os professores que lecionam na EB 2,3 Gaspar Correia têm como principal preocupação a inclusão de todos os alunos e que todos os alunos tenham as mesmas possibilidades de ensino, enquanto a avaliação dos alunos é vista como um meio para

atingir um fim que é a aprendizagem. Já na ESP senti que os professores não tinham tanto a ideia de inclusão, focavam-se muito nas classificações que os alunos poderiam atingir e não no que realmente os alunos, no seu todo, estavam a aprender.

O departamento foi muito dinâmico sendo responsável pela organização de variadas atividades para todo o agrupamento. Estas estão sempre relacionadas com a EF e têm sempre a preocupação de envolver e incluir o maior número de alunos possível.

Normalmente o DEF reuniu mensalmente, e nestas reuniões eram discutidos vários assuntos inerentes à disciplina de EF. Assuntos estes como os critérios de avaliação, atividades a organizar e o DE.

Senti ao longo do ano que o DEF recebeu os professores estagiários de uma forma bastante inclusiva, deixando-nos confortáveis e confiantes para intervir. A lealdade e cooperação foram sentimentos sempre presentes no departamento.

Um aspeto menos positivo foi o de NE não conseguir por vezes participar nas reuniões de departamento uma vez que tínhamos aulas na FMH no mesmo horário. Em próximos anos era importante que fossem dadas condições aos professores estagiários para poderem assistir a todas as reuniões do departamento.

## **2.5. Núcleo de Estágio**

O NE em que estive inserido durante este ano letivo foi constituído por 3 professores estagiários e por 2 professores orientadores, o orientador de escola e a orientadora de faculdade.

Em relação ao núcleo em que estive inserido durante este ano é importante destacar os grandes laços de amizade que foram criados ao longo deste ano de formação. A amizade em relação a um dos colegas já vinha de anos anteriores, pelo que destaco este aspeto como muito importante para que este processo de formação tenha decorrido sem grandes sobressaltos. Em relação ao outro colega do núcleo não o conhecia antes deste estágio iniciar, no entanto foi uma pessoa que se integrou facilmente e que rapidamente cooperou em todas as atividades propostas. Destaco a importância de que o processo de formação tenha decorrido num clima de grande entreaajuda, cooperação e acima de tudo confiança.

A relação criada com os orientadores foi acima de tudo uma relação de respeito e também de confiança máxima. Percebi desde cedo que os orientadores têm como principal função ajudar e cooperar com os professores estagiários no processo de formação dos mesmos.



Desde o início que presenciamos as aulas uns dos outros o que possibilitou muitos momentos de observação. Fizemos muitas reflexões conjuntas sobre as aulas, o que proporcionou a realização de reflexões críticas sobre as aulas uns dos outros. Nessas reflexões sobressaiu sempre a honestidade e a frontalidade, pois só assim foi possível ajudar os meus colegas a evoluir e a superar as dificuldades, bem como potenciar as qualidades de cada um.

## **2.6. Potencialidades**

O contexto de estágio em que estive inserido durante este ano de formação apresentou boas oportunidades de formação.

Para além da habitual turma que é atribuída a cada professor estagiário, onde este é responsável pelo planeamento, condução e avaliação do ensino, este contexto de estágio pedagógico proporcionou ainda que o NE lecionasse a uma turma do 11º ano e a duas turmas de 4º ano. Considero que estas possibilidades beneficiaram os professores estagiários de momentos de formação únicos, onde tive a possibilidade de desenvolver competências que talvez noutro contexto não iria desenvolver.

A proximidade física entre as escolas EB 2,3 Gaspar Correia e ESP possibilitou, ao longo do ano, experimentar e vivenciar duas escolas com características completamente diferentes, essencialmente no que refere a recursos espaciais e materiais. O núcleo de ginástica decorreu ao longo do ano nas duas escolas, o que possibilitou a potencialização dos recursos existentes. A ESP tem aparelhos para a prática da ginástica que a EB 2,3 Gaspar Correia não possui, nomeadamente as paralelas, a barra fixa, as argolas e a trave. Este fator possibilitou o desenvolvimento de um conjunto de competências no que diz respeito a estes aparelhos que não conseguiria desenvolver se o núcleo decorresse apenas na EB 2,3 Gaspar Correia. No que concerne aos materiais disponíveis para a prática da EF penso que a ESP está em défice, quer em quantidade quer em diversidade de materiais. Este aspeto criou dificuldades pontuais ao nível do planeamento, na medida em que, por vezes, este teve que ser adaptado pouco tempo antes do início da aula. Este aspeto impôs uma melhoria da capacidade de adaptação às adversidades.

### **3. Análise do processo formativo**

#### **3.1. Área 1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem**

Vou optar por dividir esta área em 4 subáreas. Esta área foi desenvolvida com a turma que me foi atribuída, ou seja o 9º ano turma 1. Portanto o 1º ponto está relacionado com a turma, onde considero ser importante fazer uma caracterização da mesma. O planejamento será o ponto seguinte, este está relacionado com as competências que estão inerentes à planificação e estruturação do processo de aprendizagem. No 3º ponto vou refletir sobre a avaliação, ou seja, sobre as competências que desenvolvi na regulação das aprendizagens. No último ponto abordarei a condução de ensino que está relacionada com competências de intervenção pedagógica.

##### **3.1.1. Turma**

Como a base de todo o meu trabalho foi a turma que me foi atribuída, penso que é importante fazer uma caracterização da turma para que seja mais fácil a compreensão de algumas opções tomadas.

A 1ª turma do 9º ano era composta por 26 alunos, dos quais 11 raparigas e 15 rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Era uma turma na qual a maioria dos alunos tinha transitado do ano anterior e 18 pertenciam à 1ª turma do 8º ano. A turma incluía ainda 7 alunos que tinham ficado retidos no 9º ano de escolaridade. Dois dos alunos da turma tinham necessidades educativas especiais. No entanto, na disciplina de EF, estes alunos não apresentaram ao longo do ano qualquer tipo de dificuldades na execução das tarefas propostas.

Era uma turma bastante unida em que, frequentemente se viam os alunos todos juntos nos intervalos, apesar de terem entrado 8 alunos novos. Pode-se destacar por isso que a turma apresentava uma boa capacidade de receber novas pessoas e de integrá-las.

Nas aulas, o relacionamento entre os alunos era bastante positivo. Nenhum aluno recusava trabalhar com outro. Este aspeto foi bastante positivo e comprova mais uma vez que a turma apresentou uma excelente capacidade de se relacionar.

Em termos de comportamento a turma apresentou um bom nível. Sempre que havia instruções os alunos cumpriam o que era pedido pelo professor. Para além de respeitarem sempre o professor, respeitavam-se também entre si. A turma raramente apresentou comportamentos fora da tarefa.

Em termos de empenhamento motor, a turma apresentou na generalidade um bom nível. É importante destacar, no entanto, que as raparigas apresentavam pouca vontade para a prática das matérias de que gostavam menos. No geral, as raparigas tinham pouca predisposição para a prática desportiva. A matéria ginástica era a que os alunos menos gostavam, logo, foi nesta matéria que estes tiveram um empenho menor. As matérias que os alunos referiram gostar mais foram os JDC.

Na primeira fase do estágio, em praticamente todas as aulas realizadas, havia sempre alunos que não participaram na sessão. No entanto, esta tendência foi-se alterando e sensivelmente a meio do ano praticamente nunca tinha alunos sem realizar a aula e quando aconteceu foi episodicamente.

Em termos de pontualidade a turma respeitou quase sempre os horários que foram definidos na aula de apresentação. Em termos de organização da aula, a turma revelou ter adquirido competências e rotinas muito importantes que promoveram um bom clima de aula, propício às aprendizagens dos alunos.

Através da ficha de caracterização do aluno foi possível perceber que os alunos gostavam da disciplina de EF. Apesar do gosto pela disciplina, os alunos, fora do meio escolar, referiram que não realizavam qualquer tipo de atividade física, o que fazia concluir que tinham um estilo de vida mais sedentário.

### **3.1.2. Planeamento**

Segundo Bento (1998):

O planeamento em Educação Física diz respeito, ao aperfeiçoamento das capacidades motoras, à formação de habilidades técnicas, à transmissão de um reportório motor e de conhecimento, à acentuação dos pontos educativos essenciais e ao controlo de resultados. O sucesso do planeamento depende da medida em que as indicações do programa, elaboração de planos, realização dos planos e o controlo desta são percebidos e utilizados como um todo unitariamente eficaz, bem como da existência no professor de pensamento consciente, responsável e criativo.

No planeamento, como professor estagiário tive a responsabilidade da realização de vários documentos, nomeadamente, o plano anual de turma (PAT), o plano de etapa, o plano de unidade de ensino e os planos de aula. Além destes documentos todos os projetos implementados ao longo do ano letivo na escola careceram da realização de um documento orientador dos mesmos. Para a realização destes documentos foi necessário

numa 1ª fase tomar o conhecimento de todos os documentos existentes no AEPM, analisá-los e refletir sobre os mesmos. Todo o meu planeamento ao longo do ano foi baseado no programa nacional de educação física (PNEF) e no projeto curricular de educação física (PCEF), construído pelo DEF para orientar e organizar o trabalho conjunto dos professores e de cada um individualmente. Destaco a importância da existência deste documento, uma vez que ele serve de linha orientadora para todos os professores, quer ao nível do planeamento quer ao nível da avaliação.

Creio após a conclusão deste processo formativo tenho a perfeita consciência que o planeamento foi uma das tarefas em que senti mais dificuldades. Estas dificuldades devem-se em grande parte à minha formação inicial, que não foi realizada na FMH. Por este motivo o meu primeiro contacto com os processos de planeamento foi no 1º ano de mestrado, enquanto a maioria dos meus colegas tinha já adquirido estas competências durante a licenciatura que realizaram na FMH. Relato a importância de uma reunião feita com o NE e com os professores orientadores em que o tema principal foi o planeamento. Nessa reunião foi enorme o contributo dos professores orientadores que com toda a sua experiência e sabedoria transmitiram-me muita informação que considero ter sido essencial para o meu processo de formação. Penso que evolui favoravelmente no que diz respeito ao planeamento, contudo considero essencial continuar a aprofundar conhecimentos sobre este tema.

Tendo em conta as tarefas de planeamento, destaco a primeira, que consistiu na reflexão e análise do protocolo de avaliação inicial (PAI) aplicado pelo NE do ano anterior. O PAI que o nosso NE utilizou foi muito idêntico ao do ano anterior, no entanto, optámos por fazer algumas modificações. Alteramos algumas das grelhas para facilitar o registo da avaliação inicial (AI) e adaptámos ainda alguns exercícios propostos. As alterações realizadas pelo NE foram todas com o intuito de facilitar a tarefa do professor estagiário. Tivemos sempre em conta os objetivos definidos no PCEF, elaborado de acordo com os PNEF.

Como referem Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho (2001):

A discussão e acerto sobre o modo de “olhar” para os alunos em atividade, e o sistema de registo escolhido, embora traduzível por todos na mesma linguagem, deverá ser passível de adaptação ao estilo pessoal de cada um e permitir a recolha de todas as informações que cada professor considere úteis para a preparação do seu trabalho.

A primeira etapa a ser planeada foi a avaliação inicial através da aplicação do PAI existente na escola. Considero que realizei um bom planeamento desta etapa uma vez que consegui atingir os principais objetivos presentes na mesma. Segundo Jacinto, et al (2001):

Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário.

Um dos grandes objetivos da AI foi conhecer quais as principais dificuldades que a turma apresentava tal como refere Jacinto, et al (2001) “O objeto da primeira etapa de trabalho com a turma, no começo do ano letivo, é a avaliação inicial, cujo propósito fundamental consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respetivo ano de curso.”

Na AI tive a preocupação de abordar todas as matérias presentes no PAI. A maioria das matérias foram abordadas mais do que uma vez, o que atento ter sido uma mais-valia pelo facto da informação transmitida poder ser mais fidedigna. Este período foi caracterizado pelo diagnóstico do nível em que os alunos se encontravam nas diferentes matérias, e consequente prognóstico do nível a que os alunos pudessem chegar. Apesar da avaliação inicial ter sido um período em que avaliei os alunos nos níveis em que estes se encontravam, não me foquei apenas nesse parâmetro. Privilegiei o facto de este ser um período mais formativo que avaliativo, assim adaptei muitas vezes as tarefas que os alunos tiveram que realizar para que obtivessem algum sucesso. Assim, os alunos adquiriram algumas competências básicas que foram necessárias ao longo do ano. As aulas em que a exclusividade é a avaliação devem ser evitadas, devendo ser simultaneamente avaliativas e, ao mesmo tempo, de aprendizagem/aperfeiçoamento – isto porque a avaliação deve surgir integrada no processo de ensino-aprendizagem. (Dias & Rosado, 2003)

Nesta etapa, nas aulas de 45' apenas avaliei uma matéria, enquanto nas aulas 90' optei por avaliar 2 ou 3 matérias. Considero que esta estratégia foi positiva. Nas aulas de 45' seria impossível avaliar mais do que uma matéria devido ao tempo reduzido das sessões, e neste sentido optei que todos os alunos realizassem a mesma tarefa. Já nas aulas de 90' optei por avaliar mais matérias uma vez que o tempo era maior e as aulas foram organizadas por estações, onde foram realizadas tarefas distintas. No futuro penso que

esta é uma estratégia que devo manter, pois considero que uma aula organizada desta maneira poderá facilitar o processo de observação do professor.

O tipo de planeamento utilizado nesta etapa foi o plano de aula. Numa fase inicial este plano tinha algumas carências, uma das quais era a falta de variantes de facilidade/dificuldade para os exercícios propostos. Esse aspeto foi introduzido posteriormente o que promoveu uma melhoria no que diz respeito às aprendizagens dos alunos. Se o professor vê que um aluno não está a conseguir realizar um determinado exercício deve intervir e se as variantes de facilidade/dificuldade já estiverem definidas é muito mais fácil aplicá-las.

Segundo Alarcão (1996) “a reflexão serve o objetivo de atribuição de sentido com vista a um melhor conhecimento e uma melhor ação.”. No fim de cada aula foi sempre realizada uma autoscopia sobre a mesma, neste documento descrevi os pontos positivos e negativos da aula, refleti sobre os mesmos e tentei encontrar estratégias para os superar. Como refere Oliveira (1996):

Será de supor que o processo reflexivo sobre as práticas dos professores, ao centrar-se na problematização, no questionamento e consciencialização da sua ação, possa conduzi-los a uma mudança de atitudes na forma de abordar o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, a uma melhoria das suas práticas.

Em relação ao registo das observações este foi realizado à *posteriori*. Aqui é importante destacar a colaboração existente entre o NE. Foi uma constante reunirmos nos momentos imediatamente a seguir às aulas, onde discutimos e opinámos sobre os níveis em que os alunos se encontravam. Isto foi sem dúvida uma boa estratégia, uma vez que sozinho teria sido mais complicado realizar o registo da totalidade dos dados. É importante relatar que a última decisão sobre o nível em que o aluno se encontrava foi sempre minha. Esta estratégia pode no entanto ter trazido algum condicionalismo para o futuro, uma vez que quando for professor titular de uma turma não terei o NE para poder discutir/refletir sobre as observações realizadas, pelo que posso vir a ter algumas dificuldades.

Segundo Rosado (2003):

O período de AI deverá permitir: “obter informação acerca de quais os alunos e matérias críticas, orientar a formação de grupos de nível, definir as bases da diferenciação do ensino e decidir, assim, sobre quais os objetivos anuais, quais as prioridades formativas, quais os objetivos prioritários e quais os objetivos secundários.

Outro aspeto positivo a salientar foi ter conseguido observar a turma na mesma matéria mais do que uma vez. Consegui então compreender que os alunos não aprendem todos ao mesmo tempo. Nesta turma essa situação foi bem notória logo no período da avaliação inicial. Alguns alunos evoluíram dentro deste período, mesmo sendo curto, este aspeto fez esperar que a prognóstico não poderia ser realizado da mesma maneira para todos os alunos. Para os alunos que demonstraram alguma evolução fui mais ambicioso em relação ao prognóstico, para os outros fui menos ambicioso. Agora que já terminei o estágio pedagógico posso concluir que esta foi uma boa estratégia adotada, pois este aspeto fez-me entender que o ritmo de aprendizagem dos alunos ia ser muito diferente ao longo do ano.

Nas primeiras semanas de aulas optei por dividir a turma através da numeração. Esta estratégia foi crucial para conseguir associar os nomes às caras dos alunos. Senti também alguma dificuldade no registo dos dados recolhidos através da observação, uma vez que foram feitos, na sua generalidade, após as aulas e não durante as mesmas. Ainda assim isso não foi possível porque o desconhecimento em relação à turma era total. A primeira semana acabou por não funcionar tanto como um semana de avaliação, serviu sim como um momento para conhecer os alunos e conseguir distingui-los uns dos outros. Consegui adaptar-me rapidamente à situação, uma vez que tenho grande facilidade em decorar nomes.

Quando a AI terminou foi necessário construir o PAT. Como refere Rosado (2003) este documento inclui a organização, o acompanhamento, a avaliação, as estratégias de diferenciação pedagógica, os objetivos, os conteúdos e os meios que materializam o projeto educativo anual para a turma. Pelo descrito anteriormente considero que este documento é o documento que regula todas as opções que serão tomadas no decorrer do ano letivo, foi através do PAT que estabeleci os grandes objetivos a atingir no final do ano. De um modo geral considero que o PAT foi bem elaborado uma vez que continha as principais características da turma, as matérias que foram consideradas prioritárias, os objetivos a atingir e as estratégias que foram implementadas perante a turma. O PCEF do agrupamento de escolas da Portela e Moscavide define como orientações gerais a criação de quatro etapas: 1ª etapa – prognóstico; 2ª etapa – prioridades; 3ª etapa – progressão e a 4ª etapa – produto. A definição destas etapas vai ao encontro dos princípios orientadores que vêm definidos no PNEF. Segundo Jacinto, et al (2001):

O desenho/esboço do plano de turma deverá considerar a organização geral do ano letivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem assumir

características diferentes, ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor.

As etapas por mim planeadas foram organizadas segundo o calendário escolar, ou seja, os períodos letivos e as interrupções de aulas, as características das instalações disponíveis, bem como as condições climatéricas ao longo do ano, procurando aproveitar de uma forma eficaz os diversos recursos da escola, especialmente em escolas que dispõem de espaços exteriores. Esta decisão foi tomada em consonância com o que vem referido no PNEF. Foram definidas as seguintes etapas para a turma 1 do 9º ano: 1ª Etapa – Avaliação inicial: 16 de Setembro a 25 de Outubro; 2ª Etapa – Recuperação e aprendizagem: 28 de Outubro a 17 de Dezembro; 3ª Etapa – Aprendizagem e desenvolvimento: 6 de Janeiro a 4 de Abril; 4ª Etapa – Desenvolvimento e consolidação: 22 de Abril a 6 de Junho.

O PCEF deu-me orientação na criação das etapas, no entanto, a duração das mesmas não foi exatamente a mesma que esta definida nesse documento. Esta decisão foi tomada devido às características que a turma apresentou na AI. No decorrer do processo de ensino-aprendizagem houve uma contrariedade que foi o facto do professor orientador de escola ter ficado de licença de paternidade, o que levou à lecionação de menos 19 aulas. Penso que por este aspeto a etapa de desenvolvimento e consolidação acabou por ser uma continuação da anterior. Considero que mesmo assim alguns alunos cumpriram o objetivo da consolidação na maioria dos seus objetivos, mesmo aqueles para os quais tinha sugerido um prognóstico mais ambicioso. Em relação aos alunos que apresentaram um processo mais lento de aprendizagem considero que apenas foram consolidados alguns dos objetivos propostos. Terminada a etapa, considero que fui demasiado ambicioso nos objetivos específicos que defini para cada matéria. Considero agora que incluí demasiados objetivos para cada um dos níveis propostos, pelo que pode ser o motivo pelo qual os alunos não conseguiram consolidar alguns objetivos. Hoje a minha perspetiva é completamente diferente do que era no início do ano. Consegui compreender que um professor tem que ser realista e tem que pensar que há sempre a possibilidade de acontecerem imprevistos e por isso o seu planeamento e os objetivos a atingir pelos alunos podem ter que ser reajustados. No futuro, e depois da experiência que vivenciei, considero que vou ter uma maior preocupação na definição dos objetivos, tentando que estes sejam atingíveis e reais, sabendo sempre que se estes forem atingidos imediatamente haverá a possibilidade de estabelecer novos objetivos. Na distribuição das matérias pelas etapas respeitei essencialmente 2 elementos: primeiro procurei realizar um número mais elevado de aulas para as matérias consideradas prioritárias para a turma e em segundo procurei



distribuir as matérias para que a sua lecionação coincidissem com as atividades inseridas no plano anual de atividades. Ao mesmo tempo que desenvolvi as competências da turma numa determinada matéria, proporcionei a preparação da mesma para a atividade que estava relacionada com essa mesma matéria.

Rosado (2003), refere que as unidades de ensino são um conjunto de aulas em que os objetivos e a estrutura organizativa são idênticas e em que as situações de aprendizagem vão ao encontro dos objetivos definidos para a etapa, tendo em conta os aspetos considerados críticos na aprendizagem dos alunos.

Em relação ao planeamento das unidades de ensino, penso que houve uma evolução favorável ao longo deste processo de formação. As unidades de ensino foram estabelecidas consoante o roulement, ou seja, períodos de 2 semanas que correspondiam a 6 aulas. Considero esta unidade temporal um período de tempo suficiente para desenvolver uma boa unidade de ensino. No entanto, isso não aconteceu devido ao roulement existente, pois na mesma rotação a turma ocupava 2 espaços distintos. Na maioria das vezes este aspeto dificultou a criação de um conjunto de aulas em que os objetivos e a estrutura organizativa fossem idênticos. Na rotação A - em que a turma ocupava o espaço G1 na aula de 45' e o espaço G2 na aula de 90' - foi complicado criar uma unidade de ensino coerente. Este aspeto deve-se ao facto da especificidade de cada um dos espaços, o G1 onde essencialmente é lecionada a ginástica e o G2 onde normalmente são lecionados os JDC. Este aspeto já foi relatado aos professores orientadores e aos professores do departamento. Seria uma boa estratégia alterar o roulement no futuro, pelos motivos que referi anteriormente. Esta proposta vai ser apresentada pelo NE em reunião de departamento. Uma estratégia que poderia ter utilizada para tentar diminuir esta contrariedade seria a criação de unidades de ensino com um período mais alargado de tempo, tornando um pouco mais fácil a definição dos objetivos e organização das unidades de ensino. Quando comecei a realizar as unidades de ensino incluí uma excessiva variedade de matérias, o que ia contra o que geralmente é defendido, uma vez que as aulas tinham estruturas organizativas completamente diferentes. Para Onofre (1995), é muito importante que os alunos percebam a relação entre os objetivos da aula e a sua organização, e que seja ainda clara a relação entre o trabalho realizado numa sessão e aquele que está previsto para as sessões seguintes. Com o decorrer do processo de formação apercebi-me dessa situação e envolvi um menor número de matérias em cada unidade de ensino. Optei por incluir 2 ou 3 matérias em cada unidade de ensino, tive sempre em conta a plasticidade que cada espaço permitia. Esta estratégia revelou-se muito positiva uma vez que tornou muito mais fácil criar uma estrutura de aula idêntica em que

os objetivos eram os mesmos. No futuro devo ter a preocupação de analisar bem o roulement para que depois seja mais fácil selecionar períodos de tempo em que as aulas possam ter a mesma estrutura organizativa e os mesmos objetivos. Depois de uma reunião com os colegas do NE e com os professores orientadores, a unidade de ensino foi considerada muito generalista, uma vez que se outro professor necessitasse de a usar seria muito difícil operacionalizá-la. Aspectos relacionados com a organização dos materiais pelo espaço da aula, exercícios a utilizar, formação de grupos, objetivos específicos para cada grupo, objetivos de formação do professor e objetivos para a área da aptidão física e dos conhecimentos, não vinham definidos no plano. Embora os planeasse mentalmente e estivesse consciente da sua execução, não tinha este registo no planeamento. Isso foi alterado ao longo do ano, o que proporcionou uma melhoria na elaboração destes documentos. Assim como sucedeu no PAT e nos planos de etapa, também nos planos de unidade de ensino fui ambicioso de mais no estabelecimento dos objetivos específicos para os alunos. Este aspeto foi mais vincado também numa fase inicial, com o decorrer do tempo apercebi-me que a estratégia era incorreta, o que levou a que definisse menos objetivos em cada unidade de ensino. Esta é uma opção que devo manter no futuro, porque a definição realista de objetivos para os alunos vai proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Uma das dificuldades que senti, essencialmente numa fase inicial do estágio, foi conseguir ter os planeamentos prontos antes destes serem aplicados. Um dos motivos para que isto se tenha verificado terá sido todo o impacto inicial que o estágio pedagógico provoca assim como o elevado número de tarefas que os professores estagiários têm numa fase inicial do processo de formação. Penso que é essencial que um professor tenha todo o planeamento disponível atempadamente, pois um professor que cumpra esta tarefa será obrigatoriamente um professor mais preparado para desenvolver um processo de ensino-aprendizagem com qualidade.

Como já referi neste relatório considero ter sido demasiado ambicioso e um pouco irrealista na definição dos objetivos específicos para os alunos. No entanto, procurei sempre que os diferentes níveis de planeamento formassem uma unidade coerente e íntegra e, uma vez que os planos de aula, de etapa e de unidade de ensino foram elaborados a partir do PAT, foram sendo cada vez mais específicos e ajustados à dimensão temporal. Os objetivos foram definidos em função dos níveis dos alunos de forma a garantir a diferenciação do ensino. Com o decorrer do tempo fui tendo um melhor conhecimento dos alunos, conseguindo assim definir objetivos mais realistas e adequados. O feedback dos professores orientadores foi imprescindível, para assim tornar o planeamento mais

lógico, simples e eficaz, formando uma unidade coerente levando em conta a diferenciação e progressão das aprendizagens.

Quando projeto a carreira docente em horário completo é-me difícil compreender tão elevada carga de planeamento. Mas acredito que a experiência poderá ser um fator facilitador deste aspeto.

Fiz, em cooperação com os meus colegas do NE, a observação de aulas de colegas que realizaram o seu estágio na escola Eça de Queirós. Isto foi muito importante, uma vez que consegui ter acesso ao planeamento e tive a possibilidade de trocar ideias com os 2 núcleos e respetivos orientadores, comparando assim diferentes maneiras de organizar o planeamento. Penso que os professores estagiários devem criar mais momentos que permitam a partilha de experiências, na medida em que poderá proporcionar importantes momentos de formação. Observar e refletir em conjunto ajudará a clarificar problemas e a alterar opiniões, que estão muitas vezes formatadas.

Apesar do planeamento ser uma das áreas em que senti mais dificuldades de um modo geral penso que evoluí bastante e no tempo devido, consegui abdicar dos planos de aula, planeando assim apenas as unidades de ensino. Ter o planeamento terminado antes da leção das aulas foi outra evolução que consegui atingir, na medida em que permitiu melhorar todo o processo de ensino e aprendizagem. Como é normal, o planeamento foi sendo reajustado e adaptado ao contexto da turma e aos recursos espaciais e materiais, tentando constantemente potenciar as aprendizagens dos alunos. Consegui perceber também que as minhas fraquezas são partilhadas por outros professores estagiários. Como refere Teixeira (2007), o planeamento anual está no centro das principais dificuldades dos estagiários de acordo com a perceção dos mesmos e dos seus orientadores.

### **3.1.3. Avaliação**

Para Jacinto, et al (2001):

Os processos e os resultados da avaliação devem contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, também, para apoiar o aluno na procura e alcance do sucesso em EF no conjunto do currículo escolar e noutras atividades e experiências, escolares e extraescolares, que marcam a sua educação (repouso, recreação, alimentação, convívio com os colegas e adultos, etc.), direta ou indiretamente, representadas neste programa.

Nesta análise vou procurar refletir sobre as 3 frações da avaliação: a AI, a avaliação formativa e a avaliação sumativa (AS). Começando pela avaliação inicial, como refere Carvalho (1994), a AI tem como principais objetivos: apresentar o programa/matérias; avaliar o nível inicial dos alunos e as suas possibilidades de desenvolvimento no conjunto das matérias; recolher dados para orientar a formação de grupos de nível dentro da turma; ensinar ou consolidar rotinas de organização e normas de funcionamento; criar um bom clima de aula; identificar matérias prioritárias e aspetos críticos do seu desenvolvimento; recolher dados para definir prioridades de desenvolvimento para a 1ª etapa; identificar alunos cujas características indiquem necessidades específicas; recolher dados para, em conjunto com os outros professores do grupo, estabelecer metas específicas para o ano e aferir o plano plurianual.

Uma vez que esta tarefa foi uma das primeiras que executei no estágio e de modo a que este período decorresse sem sobressaltos optei por seguir as seguintes indicações metodológicas sugeridas por Carvalho (1994):

As situações de avaliação inicial devem ser entendidas como situações de aprendizagem; Não é necessário observar todos os alunos em todas as situações: os casos “típicos” destacam-se facilmente. O professor deve focar a sua atenção nos alunos mais difíceis de caracterizar; O professor deve acompanhar as situações dando feedback e intervindo de acordo com o nível dos alunos como faz normalmente, tentando que os alunos melhorem; Quantos mais registos o professor conseguir, mais fácil será identificar o nível do programa a selecionar para cada aluno; As opções tomadas em função da avaliação inicial não são definitivas.

A AI incidiu sobre as 3 áreas da EF, ou seja, as atividades físicas, a aptidão física e os conhecimentos. A AI foi um momento onde consegui diagnosticar e prognosticar o nível de cada aluno em cada uma das matérias. Assim recolhi informação imprescindível para a realização de um bom processo de ensino-aprendizagem. Estas três áreas foram avaliadas no período de AI. Na área da atividade física foram avaliadas as diferentes matérias. Na área da aptidão física foi aplicada a bateria de testes do FitnessGram. No que diz respeito à área dos conhecimentos foi realizado um questionário sobre estilos de vida saudáveis. Estes testes realizados estavam definidos no PAI. Na área da aptidão física e como referi no 1º relatório, o núcleo optou por realizar todos os testes do FitnessGram de modo a definir um panorama geral em relação à turma. A turma de uma maneira geral apresentou bons níveis de aptidão física por isso optei por realizar ao longo do ano apenas os testes que vêm definidos no PCEF para os alunos se situarem na zona saudável de aptidão física - o teste do vaivém, o teste dos abdominais e o teste das extensões de braços. No final de

cada período os testes repetiram-se. Acho importante destacar a evolução das turmas em todos os testes, mas o teste do vaivém merece um destaque especial. Foi o teste em que mais alunos evoluíram, tive 5 alunos que conseguiram ultrapassar os 100 percursos e apenas 3 que concluíram o ano fora da zona saudável de aptidão física (ZSAF). Para este desenvolvimento penso ter sido muito importante a motivação da turma para que tentassem a superação, fosse uma constante ao longo do ano. Na área dos conhecimentos, após a análise dos questionários aplicados cheguei à conclusão que a maioria dos alunos revelaram conhecimentos relacionados com estes aspetos, por este motivo a avaliação nesta área incidiu essencialmente sobre as capacidades físicas. Este questionário serviu como avaliação para esta área no 1º período. No 2º período realizei uma ficha formativa sobre as capacidades motoras, a qual entreguei aos alunos. Avisei nessa altura os alunos da data de execução do teste. Para o qual não foi atribuída classificação. Esta determinação foi ao encontro do que vem definido no PCEF para esta subárea, que refere apenas a necessidade de registo se o aluno revela ou não revela os conhecimentos em causa. Para revelar conhecimentos o aluno teve que obter mais de 50% das respostas corretas. Os resultados que a turma obteve foram bastante satisfatórios, 75% da turma revelou ter conhecimentos. Optei depois no 3º período por repetir o teste mas desta vez oralmente. Recomendei aos alunos que não revelaram ter conhecimentos que estudassem na semana anterior. Na prova oral questioneei-os e sempre que a resposta não era correta ou estava incompleta um dos colegas da turma ajudava o colega que não sabia. Esta estratégia que optei por aplicar deu resultados, uma vez que os alunos revelaram uma grande entreajuda e cooperação. Um dos pontos negativos desta fase foi não ter conseguido comparecer à conferência curricular, pelo facto de ter tido aula na faculdade nesse dia. Para Jacinto, et al (2001):

Avaliação Inicial (...) possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário. Estas decisões de orientação e compromisso curricular são facilitadas se os professores de cada ano de escolaridade se reunirem para confrontarem as informações recolhidas na avaliação inicial. A esta reunião e ao conjunto de decisões aí assumidas, bem como a outras reuniões em diferentes momentos do ano com propósitos semelhantes, chamamos conferências curriculares.

Na fase inicial do estágio pedagógico referi que na avaliação formativa procurei que os alunos integrassem o processo de ensino-aprendizagem. Para Carvalho (1994), a avaliação formativa “é o processo de recolha de informações que nos permite, ao longo do

ano, orientar e regular a nossa atividade pedagógica, bem como controlar os seus efeitos – Aprendizagem”. Tentei que os alunos percebessem onde tinham maiores dificuldades e onde eram mais fortes. Considero no entanto que nesta fase não tive uma grande preocupação com esta tarefa, assumi que haviam outras que eram mais importantes a atingir, o que vai ao encontro do que refere Onofre (1996): “sem criar condições para que o professor tenha, e sinta que tem, o controlo organizativo da aula, não vale a pena insistir no desenvolvimento da sua capacidade de preparação, apresentação e controlo das aprendizagens dos alunos”. Contrui um documento onde foram apresentados os critérios de classificação para a EF, assim com os diferentes objetivos definidos para cada matéria e para cada nível. Este documento foi também entregue aos pais para que estes também tivessem inseridos no processo de ensino-aprendizagem dos filhos. A partir daqui realizei uma ficha informativa que entreguei aos alunos no decorrer do 2º e 3º período, que continha todas as matérias abordadas, os objetivos que conseguiram ou não cumprir em cada matéria e os níveis em que se encontravam. Nesse documento vinha também referido os dados de cada um dos alunos nos testes do vaivém, extensões de braços, abdominais, bem como era indicado se o aluno estava dentro ou fora da ZSAF. Conforme fui preenchendo esta ficha ao longo dos períodos ia transmitindo verbalmente a informação aos alunos. Para Sadler (1989), o feedback é um conceito central na visão anglo-saxónica de avaliação formativa pois é através dele que os professores comunicam aos alunos o seu estado em relação às aprendizagens e as orientações que, supostamente, os ajudarão a ultrapassar eventuais dificuldades. Os alunos sentiram-se incluídos no processo de ensino, e isso foi demonstrado pelo empenho em melhorar sempre os aspetos que apresentavam maiores dificuldades. No fim do 1º e 2º período entreguei uma ficha aos alunos de auto e heteroavaliação. Nestas fichas os alunos revelaram estar realmente envolvidos no processo de aprendizagem uma vez que praticamente todos fizeram corresponder a classificação que achavam que mereciam com a classificação que realmente iriam ter no final do período. Este aspeto foi mais vincado na autoavaliação do 2º período. Perrenoud (1998), refere que os alunos, ao utilizarem adequadamente a autoavaliação, são capazes de regular as suas aprendizagens e só pontual e esporadicamente precisam da colaboração dos professores.

Neste 2º momento de formação penso que usei de uma forma mais ativa e objetiva a avaliação formativa. A criação da ficha foi essencial para esse facto.

Na AS, segui os critérios de avaliação e normas de referência definidos no PCEF. Por este motivo considero então que foi um processo de AS transparente e rigoroso, baseado na avaliação formativa, atribuindo e justificando as classificações dos alunos em função

das três áreas de extensão da EF e das normas de referência para a definição de sucesso. Segundo Araújo (2007):

É hoje consensual utilizar os dados resultantes da avaliação para orientar e regular o processo de ensino-aprendizagem e tomar decisões no âmbito da gestão curricular. É exclusivamente nessa interação que essas decisões vão buscar o seu fundamento e dinamismo. Foi sobre a interdependência entre a avaliação e as estratégias de desenvolvimento curricular que tentamos aqui refletir retomando alguns dos seus aspectos operacionais, como são as normas de referência para a definição de sucesso em educação física expressas nos programas de educação física, e abrindo caminho a outros que a prática quotidiana nas escolas reclama.

#### **3.1.4. Condução**

A condução do ensino foi implementada não apenas na turma que me foi atribuída. Desenvolvi esta competência também na semana do professor a tempo inteiro (SPTI) e na coadjuvação das aulas de EEFM do 1º ciclo. Isto possibilitou um leque inimaginável de experiências diversificadas. Lecionar uma turma do 9º ano, não é o mesmo que lecionar uma turma do 4º ano nem uma turma do 12º ano. Os contextos são diferentes, as idades dos alunos são diferentes, e o professor tem que ser capaz de se adaptar a qualquer um destes contextos.

Desde o início do estágio pedagógico que a condução de ensino foi a subárea com a qual me senti mais confortável e que privilegiei. Apesar disso, dediquei-me sempre e tentei evoluir e adquirir novas competências. É através dela que operacionalizamos tudo aquilo que planeámos. Por ser considerada uma área em que os professores estagiários devem dominar plenamente tem uma preponderância maior no nível que os professores estagiários possam vir a atingir.

Considero fundamental desenvolver esta competência. Era fulcral que os alunos percebessem que o professor tinha autoridade para tomar decisões mas, ao mesmo tempo, era alguém em que poderiam confiar e que se preocupava com cada um deles individualmente.

Os estilos de ensino obrigam o professor a realizar um conjunto de decisões, estas devem ser feitas em qualquer operação de ensino-aprendizagem (Mosston & Ashworth, 2008). Ao nível dos estilos de ensino, utilizei ao longo do ano os estilos de ensino por comando e por tarefa. Os aquecimentos foram praticamente sempre ministrados por mim,

ou seja, através do estilo por comando, esta tomada de decisão deveu-se ao facto do desconhecimento da turma numa fase inicial e também devido ao facto dos alunos apresentarem pouca autonomia. Essencialmente nos aquecimentos, utilizei então um estilo que permite ao professor ter um melhor controlo da turma. O professor é o responsável por todas as decisões e os alunos limitam-se a cumprir as funções indicadas pelo docente (Mosston & Ashworth, 2008). Na parte principal das aulas o estilo de ensino usado foi sempre o estilo por tarefa, que é um estilo onde o aluno tem mais liberdade para tomar algumas decisões, possibilitando ao docente fazer um acompanhamento dessas mesmas tarefas (Mosston & Ashworth, 2008). Escolhi estes dois estilos de ensino uma vez que estes dão a possibilidade de melhor controlo da turma. Apesar da turma ter apresentado boas rotinas de organização, uma vez que não existiam situações de conflito a maioria dos alunos respeitaram as regras estabelecidas, penso que a turma ainda não estava preparada para trabalhar sobre outros estilos de ensino mais autónomos. Esta tomada de decisão deveu-se somente ao facto da maioria dos alunos serem muito preguiçosos, e por esse motivo necessitarem de tarefas mais objetivas e controladas.

Siedentop (1991), considera que a preleção inicial deve ser breve e focada sobre os aspetos essenciais, adotando o professor formas de comunicação que garantam a manutenção da atenção e a compreensão da matéria transmitida. Analisando os momentos de instrução considero que estes foram essencialmente curtos e muito objetivos, utilizando uma linguagem de fácil perceção para os alunos. Criei rotinas com a turma e estas foram sistematizadas com alguma facilidade. Optei pela estratégia de apenas falar quando todos os alunos se encontravam em silêncio. Foi uma estratégia que adotei desde o início e que a turma interiorizou bastante bem. Os alunos normalmente nunca interromperam a minha instrução no entanto quando isso acontecia bastava eu fazer silêncio que os próprios alunos percebiam que não estavam a agir de uma forma correta. Este aspeto facilitou a transmissão de informação aos alunos: quando a turma sabe ouvir, o professor desgasta-se consideravelmente menos do que se tiver que chamar constantemente à atenção dos alunos. Quando necessitei de transmitir muita informação aos alunos fi-lo de uma forma repartida, criando períodos de instrução pequenos com o objetivo de manter os alunos atentos para que captassem o que estava a ser transmitido. Períodos longos de transmissão de informação provocam nos alunos momentos de desconcentração e distração. Esta estratégia obteve bastante sucesso e penso que poderá ser usada no meu futuro como docente. No início não usei muito o questionamento na instrução mas com o desenrolar do ano, os alunos perceberam que isso os obrigava a estarem atentos para conseguirem responder às perguntas. Penso que consegui que os alunos percebessem o



quão importante é estarem atentos. As questões obrigaram-nos a manter o foco na informação que esta a ser transmitida. Rosado e Mesquita (2011) referem que:

No processo de ensino-aprendizagem, a otimização dos momentos de instrução passa pela utilização regular do questionamento. Após um período de informação, de apresentação de matéria nova, de apresentação das tarefas motoras, de uma demonstração, de organização de grupos, etc., é muitas vezes necessário verificar o grau de compreensão da informação transmitida. Na realidade, após esses períodos, muita informação não foi recebida ou percebida, e muitas dúvidas podem existir. O controlo da informação transmitida aparece, assim, como fundamental.

Na instrução utilizei muitas vezes a demonstração para apresentar as tarefas motoras desejadas. Penso que esta foi uma decisão muito importante uma vez a demonstração facilitou a compreensão dos alunos sobre as tarefas propostas. Utilizei muitas vezes os alunos o que penso ter sido uma boa estratégia, os alunos envolvidos sentiram muitas vezes que o seu trabalho estava a ser valorizado pelo professor. Muitas vezes eu próprio fui o responsável pela demonstração dos exercícios e penso que poderia ter usado esta estratégia mais vezes, uma vez que os alunos quando é o professor a realizar algo estão muito mais atentos e concentrados. O professor é um exemplo e deve ser capaz de demonstrar aquilo que pretende que os alunos realizem.

No início considero ter sentido dificuldades no acompanhamento da prática dos alunos. Procurei falar com todos os alunos individualmente. Este aspeto desgastava-me bastante e acabava por fazer com que não tivesse capacidade de observar a aula. Rodrigues (1997), refere que os professores estagiários procuram acompanhar mais os alunos ao passo que os professores profissionalizados ficam mais tempo em observação após o *feedback* inicial. A partir de certa altura intercalei momentos de observação com momentos de *feedback*. Tentando que este *feedback* fosse sempre para o maior número de alunos possível. Optei por utilizar diferentes estilos de *feedback* tendo sempre em conta a característica específica de cada aluno. Uma das maiores dificuldades sentidas ao longo do ano foi o fecho dos ciclos de *feedback*. É essencial observar e corrigir o que está mal e depois analisar se o aluno conseguiu melhorar o seu desempenho. Apesar das dificuldades sentidas consegui ganhar esta competência, numa das unidades de ensino o meu objetivo de formação foi apenas o fecho dos ciclos de *feedback*. Não ter estabelecido mais nenhum objetivo nesta unidade de ensino fez com que me focasse apenas neste. Creio, agora que o estágio terminou que esta competência foi um pouco difícil de alcançar mas através de algum esforço e perseverança e com a simplicidade da definição de objetivos consegui desenvolver este aspeto. Penso ser importante destacar o facto de ter conseguido

desenvolver *feedback* de qualidade na matéria de ginástica. Este aspeto foi considerado por mim inicialmente uma enorme lacuna. A coadjuvação do núcleo de DE promoveu excelentes momentos de formação, onde desenvolvi essa competência relacionada com o *feedback* que pude utilizar oportunamente junto da minha turma. Com o trabalho desenvolvido no núcleo de ginástica consegui desenvolver o meu *feedback*, conseguindo usá-lo posteriormente nas aulas da minha turma, ou seja, uma atividade da área 3 contribuiu positivamente para o desenvolvimento de competências também inerentes à área 1.

No controlo das aprendizagens dos alunos considero de tive um desenvolvimento crescente durante o processo de formação. Como já foi referido inicialmente procurei controlar muito os aluno individualmente o que fazia com que perdesse uma visão global da turma. Ao perder essa visão global da turma perdi também a capacidade de observar e analisar se os comportamentos eram verificados em mais alunos. Com o decorrer do ano consegui acima de tudo agrupar um conjunto de aspetos comuns a alguns alunos e depois sim corrigir os alunos nesse mesmo aspeto. Esta estratégia foi benéfica pois fez com que tivesse mais tempo para analisar as situações intervindo depois de uma maneira mais organizada e fundamentada. Muitas vezes no decorrer das aulas, quando um determinado grupo de alunos tinha sucesso na tarefa proposta, parava a aula e o grupo que estava a realizar a tarefa corretamente continuava em prática, assim os outros alunos que estavam a ter mais dificuldades na realização dessa tarefa tinham a imagem de como deveriam realizá-la, aos mesmo tempo destacava perante a turma o desempenho dos alunos que estavam a realizar a tarefa corretamente, isto fazia com que estes ficassem motivados e poderia também aumentar a sua própria auto estima.

No que diz respeito ao deslocamento procurei acima de tudo manter sempre todos os alunos no meu campo de visão. Após conversas com os orientadores foi-me sugerido que a meu deslocamento fosse por vezes mais imprevisível, tornando assim o deslocamento mais dinâmico. Este dinamismo foi muitas vezes passado para os alunos promovendo que estes estejam envolvidos nas tarefas solicitadas.

Um dos fatores para que a turma não tivesse apresentado muitos comportamentos fora da tarefa foi a organização das aulas. Para tal, procurei que as minhas aulas tivessem um elevado tempo de prática motora tentando evitar assim comportamentos fora da tarefa.

Na formação de grupos procurei separar alunos que diagnostiquei que estando juntos poderiam destabilizar o comportamento da turma. As rotinas adquiridas pela turma promoveram um bom aproveitamento do tempo da sessão. As situações de aprendizagem

foram criadas sempre com o objetivo de manter o maior número de alunos em prática motora.

Um dos meus grandes objetivos nesta turma foi melhorar o relacionamento com os alunos, no sentido de os cativar para a prática. Numa fase inicial optei por manter um distanciamento para com a turma. Tomei esta opção com o intuito de criar um impacto inicial junto da turma, para que os alunos compreendessem que o professor é um líder, e que estes o devem respeitar. Penso que é importante que os alunos percebam que o professor é alguém com autoridade para impor regras de funcionamento, que considere necessárias para o bom andamento das aulas. Procurei ao mesmo tempo que os alunos sentissem que tinham do outro lado uma pessoa em quem podiam confiar, e que a sua principal função era conseguir arranjar estratégias para que os alunos desenvolvessem as suas aprendizagens. Transmisti aos alunos que o professor não servia apenas para avaliar as suas aprendizagens, servia essencialmente para ajudar os alunos a desenvolver essas mesmas aprendizagens, para que a avaliação fosse uma consequência desse desenvolvimento. Numa fase posterior procurei aproximar-me mais dos alunos. Esta estratégia penso que foi essencial para criar um clima de aula, propício às aprendizagens dos alunos. Consegui atingir uma relação muito boa com os alunos e isso vê-se no empenho que os jovens demonstraram. No início existiam alunos que não realizavam as aulas, no final do ano letivo foram raras as vezes que se viram alunos sentados sem fazer a aula. Procurei sempre reforçar e destacar as prestações positivas destes alunos perante a turma e isto fez com que se sentissem valorizados. A minha opção perante esta turma foi muito clara, numa primeira fase defini bem as regras que considerei essenciais para o desenvolvimento das aulas e isso levou a que conseguisse controlar a turma sem grandes dificuldades. Considero, no entanto, que poderia ter tentado criar uma relação mais próxima com os alunos muito mais cedo. Demorei algum tempo a perceber que deveria ter tomado essa atitude.

Ao longo do ano letivo a turma trabalhou por grupos de nível. Foram formados essencialmente 2 grupos. Dentro destes 2 grupos foram ainda criados subgrupos, consoante a matéria que foi abordada. Através desta opção consegui realizar a diferenciação do ensino. Penso que esta diferenciação foi muito mais objetiva no início do 2º período. Consegui então criar diferentes situações de aprendizagem, tentando assim responder às diferentes necessidades que os alunos apresentaram. Estes grupos foram aplicados essencialmente nos JDC. Nas matérias individuais optei por variar entre os grupos homogéneos e heterogéneos em relação ao nível dos alunos. A opção de formar grupos heterogéneos foi tomada para que os alunos mais aptos pudessem ajudar os seus

colegas menos aptos. Esta estratégia obteve grande sucesso, principalmente na ginástica. Foi uma constante ver alunos a ajudarem os colegas, mantendo uma grande cooperação e entreajuda. Estes alunos mais aptos serviram muitas vezes como agentes de ensino, foi recorrente usá-los nas demonstrações.

Em relação aos processos de observação e reflexão da atividade pedagógica fiz autoscopias relativas às minhas aulas definindo fatores positivos e negativos e estratégias futuras a utilizar. Geralmente o NE reuniu sempre no fim das aulas, onde fazíamos uma pequena reflexão sobre os aspetos positivos e negativos das aulas. Por observarmos as aulas uns dos outros tivemos sempre momentos constantes de diálogo e de partilha de ideias. No 3º período estes momentos foram planeados e mais objetivos. Realizamos uma ficha de observação que foi preenchida durante a observação e depois foi entregue ao colega que foi observado. Esta estratégia foi muito positiva, a opinião dos meus colegas foi sempre muito importante, tenho a capacidade de aceitar todas as opiniões e isso penso que é bom.

A semana do professor a tempo inteiro foi muito importante para mim no que diz respeito à condução do ensino. Nesta semana tive a oportunidade de lecionar aulas a diferentes ciclos e anos de escolaridade, onde a intervenção do professor deve ser adaptada à realidade de cada ano. Esta experiência correu bem e não senti de facto grandes dificuldades nas turmas que lecionei. Também é importante referir que a maioria das turmas já apresentava bons hábitos e dinâmicas de aula. Apenas uma das turmas apresentou poucas rotinas de aula, no entanto, considero ter conseguido intervir junto da mesma. No fim das sessões procurei perceber junto dos professores de EF qual a opinião sobre as aulas que lecionei. Uma das coisas que a maioria dos professores referiu foi que tive facilidade em controlar a turma. Acho que tenho uma boa capacidade de adaptação e isso pode ser uma característica muito importante ao longo da minha vida no desenvolvimento da docência.

Penso ser de extrema importância destacar a colaboração existente entre o núcleo de estágio e os orientadores. Esta colaboração fomentou uma evolução das competências de cada um nesta área. Estes momentos de partilha e reflexão realizada em conjunto promoveram muitas vezes a resolução de problemas que encontramos na leção das aulas.

Penso que a minha prestação ao nível da condução das aulas pode ser considerada positiva. Melhorei bastante ao nível do *feedback*, essencialmente no que diz respeito ao conteúdo do mesmo. Percebi a importância do fecho do ciclo de *feedback*, uma vez que tem que haver um controlo da informação transmitida aos alunos. O relacionamento que

consegui criar com a turma é algo que foi muito difícil de conquistar, acima de tudo porque eu próprio considerava que esse relacionamento tinha que ser essencialmente de respeito mútuo. No entanto, depois deste ano de estágio, apercebi-me que o relacionamento entre o professor e os alunos vai muito mais além do que apenas uma questão de respeito. O professor tem que saber lidar com as diferentes necessidades que cada aluno apresenta. O professor tem que ser sensível e perceber que lidar com as emoções de cada um não é fácil. Cheguei à conclusão que não há uma receita que dê automaticamente resultados, o professor tem que adaptar a sua forma de relacionamento com os alunos, consoante as necessidades de cada turma.

Em conversas mantidas com o professor orientador de escola e com os anteriores professores estagiários, foi referido que a turma 1 do 9º ano era muito preguiçosa e que era constante os alunos não realizarem as aulas. Orgulho-me agora de todo este trajeto que desenvolvi com esta turma, onde inicialmente encontrei as mesmas dificuldades que os anteriores professores estagiários. No fim do ano é de salientar essa grande mudança na turma, a partir do 2º período o seu interesse perante as aulas de EF foi totalmente diferente, foi uma constante ter a turma toda a realizar as aulas no resto do ano. A imagem da turma na última aula vai ficar para sempre na minha memória, os alunos a chorar quando se despediram de mim. É sinal que progredi bastante no relacionamento com a turma. Para mim é muito importante ter sentido que contribui com algo para o desenvolvimento destes alunos, não só na disciplina de EF, mas também no seu desenvolvimento social e afetivo.

### **3.2. Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica**

Nos dias de hoje as tarefas do professor não se limitam ao espaço da aula. A capacidade deste refletir sobre o que o rodeia é essencial. Os professores devem então “desenvolver competências para investigar na, sobre e para a ação educativa e para partilhar resultados e processos com os outros, nomeadamente com os colegas.” (Alarcão, 2001)

A área 2 do estágio pedagógico contemplava a concretização de um trabalho de investigação, que foi desenvolvido tendo como base a realidade do agrupamento de escolas em questão. É importante referir que todo o processo de elaboração deste trabalho foi realizado em conjunto com os meus colegas do NE.

Com o objetivo de tentarmos rentabilizar o nosso trabalho e conforme vem sugerido no guia de estágio, este foi articulado com a disciplina de Investigação Educacional que foi lecionada no 1º semestre do 2º ano de mestrado. Nesta disciplina tivemos que realizar um projeto de investigação. Penso que esta articulação foi algo muito positivo no desenvolvimento deste trabalho, pois permitiu que os professores orientadores o acompanhassem e nos indicassem referências bibliográficas adequadas e pertinentes. O acompanhamento dos professores responsáveis pela disciplina foi igualmente de extrema importância para que a realização deste trabalho fosse realizada de uma forma correta. A frequência nesta disciplina possibilitou que o nosso trabalho fosse realizado com uma melhor qualidade e respeitando todas as fases que estão inerentes à construção de um projeto de investigação.

Segundo o Ministério da Educação (2004):

(...) os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1º Ciclo. A falta de atividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis. Por outro lado, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. Estas evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1º Ciclo, como componente inalienável da Educação. O conteúdo deste Programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interação com os companheiros, inerentes às atividades (matérias) próprias da E. F. e aos respetivos processos de aprendizagem. Além disso, a realização deste programa proporciona um contraste com a sala de aula que pode favorecer a adaptação da criança ao contexto escolar. Nesse contraste, restabelece-se o

equilíbrio das experiências escolares, aproximando-as do ritmo e estilo da atividade própria da infância, tornando a escola e o ensino mais apetecíveis.

Através da seguinte transcrição retirada dos programas do ensino básico – 1º ciclo é perceptível a importância que a EEFM tem no desenvolvimento da criança.

A EEFM faz parte da área das expressões que engloba ainda as expressões artísticas. Para esta área das expressões estão definidas 3 horas semanais de lecionação, cabendo ao PTT a gestão do tempo de cada uma.

É então complicado definir a situação atual da EEFM não pelo facto da sua complexidade formal ou conteúdos programáticos mas sim pela interpretação que cada um dos gestores de EEFM nos faculta. No que diz respeito à conceção que os professores têm da EEFM. Figueiredo (1998) refere que globalmente os professores inquiridos conferem uma elevada importância à EEFM no desenvolvimento global da criança, ainda que por volta de 20% desses mesmos professores atribui uma relevância de complemento curricular e facultativa à EEFM no 1º ciclo.

O nosso trabalho está relacionado com a lecionação da EEFM no 1º Ciclo. Como é do conhecimento de todos o ensino do 1º Ciclo é realizado através da mono docência, sendo o PTT o responsável pela lecionação (planeamento, condução e avaliação). Procurámos então averiguar a importância que é atribuída à EEFM pelos seus participantes diretos.

O AEPM tem a particularidade dos professores de EF coadjuvarem os PTT na lecionação da EEFM, como já foi referido anteriormente, esta situação apenas ocorre para o 4º ano. Com este trabalho pretendemos saber a opinião que tanto os PTT como os professores de EF têm sobre este projeto.

Depois de analisar a problemática chegamos então à pergunta de partida no nosso trabalho: a importância da EEFM no 1.º ciclo, segundo as percepções dos professores do ensino básico e dos professores de EF do agrupamento.

A problemática em questão está relacionada com a lecionação da EEFM e foi devidamente fundamentada com recurso a um quadro teórico que serviu de suporte a toda a investigação. Tivemos a preocupação de realizar análises bibliográficas atuais, a partir de artigos tanto de âmbito nacional como internacional. Optámos por realizar duas entrevistas para recolher informações importantes para o nosso estudo. Ambas tiveram o objetivo de analisar de forma exploratória esta temática e foram realizadas a pessoas que consideramos ser importantes. Os entrevistados revelaram-se boas escolhas na medida em que contribuíram com a sua experiência e conhecimento.

Em termos metodológicos foram realizados 2 questionários distintos, uns indicados aos PTT e outros para os professores do DEF. Foram criadas algumas limitações ao nível do tipo de questionamento que iria ser feito, uma vez que o nosso objetivo era saber quais as percepções dos intervenientes. Através de uma reunião com um professor da FMH, realizamos um questionário baseado noutros usados em estudos semelhantes. Este questionário permitiu que fosse possível recolher todas as informações pertinentes ao nosso estudo. Contudo careceram de revisão e aval de um especialista da área, para que fossem válidos e fiáveis. Penso que no futuro será muito importante tentar suportar os instrumentos de recolha de dados de uma apreciação e aprovação de um especialista nesta área. Considero que o questionário foi bem elaborado, os professores não apresentaram qualquer tipo de dificuldade em responder ao mesmo. Outra limitação ao estudo foi o tempo que os entrevistados demoraram a entregar os seus questionários respondidos, dificultando a análise dos resultados para posterior discussão e obtenção de resultados. Poderíamos ter definido junto dos professores datas para a recolha destes documentos, obrigando assim a que estes tivessem um data definida para entrega. Esta fase do nosso estudo não foi bem conduzida pelos professores estagiários. Porque tínhamos muitas tarefas não dedicamos o tempo suficiente a esta área, o que obrigou depois numa parte mais avançada do estágio a um esforço enorme para conseguir ter os documentos prontos a tempo.

O tratamento de dados foi realizado através do programa de análise estatística SPSS. Os questionários elaborados favoreceram o tratamento quantitativo dos mesmos. Para esta análise estatística foi necessária a contribuição de um colega externo ao NE, uma vez que não tínhamos conhecimento aprofundado deste programa de análise.

Após terminarmos o tratamento dos dados recolhidos procedemos à análise e reflexão sobre os mesmos, assim conseguimos retirar as conclusões a que chegamos com a execução deste estudo. Os PTT consideraram EEFM muito importante para a evolução dos alunos a todos os níveis, especificando a colaboração para o rendimento escolar e a aquisição de *skills* básicos. Estes professores atribuíram, igualmente, uma elevada importância ao processo de coadjuvação.

No culminar de todo este processo realizámos uma sessão de apresentação do nosso estudo destinada à comunidade escolar. Seleccionámos, numa primeira fase, uma pessoa que consideramos ser importante para realizar um debate sobre este tema. Essa pessoa foi o presidente da sociedade portuguesa de educação física (SPEF). Convidámos ainda uma docente da FMH que também acumula as funções de vice-presidente da SPEF. Neste aspeto tivemos algumas dificuldades em encontrar convidados que tivessem



disponibilidade para estar presentes. A presença de convidados com outro tipo de responsabilidade, nomeadamente, ao nível a tutela poderia ter tornado este estudo mais rico e pertinente. No futuro, e sempre que for relevante convidar outros palestrantes, é essencial identifica-los de imediato, para que obtenhamos a resposta o mais rápido possível e, se necessário, procuremos soluções alternativas. Este planeamento implica tempo – que tivemos, mas que não soubemos aproveitar.

Para a divulgação da apresentação realizamos um poster, que foi distribuído e afixado em todas as escolas do agrupamento. Na minha opinião, esta iniciativa poderia merecer mais investimento da nossa parte, uma vez que na sessão de apresentação, o número de assistentes não foi muito elevado e acredito que isso se deveu, precisamente, à deficiente divulgação. A divulgação da apresentação deveria ter sido realizada em reunião de agrupamento pois quando se consegue envolver as pessoas é muito mais fácil que estas estejam presentes nas ações. Outro dos aspetos negativos foi o horário que definimos para a apresentação. Ainda que condicionado pela disponibilidade do nosso convidado fez com que muitos professores, essencialmente os do 1º ciclo, não pudessem estar presentes. Se esta apresentação tivesse sido agendada com outra antecipação talvez tivéssemos conseguido mobilizar um número muito maior de pessoas.

A apresentação da sessão propriamente dita correu bem. Conseguimos expor toda a informação que pretendíamos de uma forma clara. Considero que tenho dificuldades em exposições públicas. Fico nervoso e tenho dificuldades em transmitir algumas ideias. No futuro, sempre que for necessário realizar apresentações, devo prepará-las bem, o que não aconteceu nesta apresentação. Demoramos algum tempo a realizar o *power point* e todos os documentos inerentes ao estudo, o que suprimiu o tempo de preparação da apresentação. Quando terminou a apresentação demos a palavra aos nossos convidados. O debate decorreu muito bem, muitas pessoas decidiram participar e transmitir a sua opinião. Foi uma excelente troca de ideias, que valorizou o nosso estudo. Neste debate foram abordados muitos temas que foram apresentados no trabalho. Discutiu-se a importância que a EEFM tem no desenvolvimento das crianças – tema consensual junto dos participantes. Abordaram-se ainda os aspetos positivos e negativos da EEFM ser lecionada pelo PTT ou por um professor de EF. Destacou-se o processo de coadjuvação ao 1º ciclo que ocorre no AEPM.

Em suma discutiram-se muitos assuntos sobre o tema e conclui-se que a área das expressões continua muitas vezes a ser alienada pelos PTT, quer seja por falta de motivação para a lecionação, ou por falta de formação dos PTT para dirigir estas aulas. Referiu-se ainda que é dada tanta importância às outras áreas que muitas vezes a área

das expressões é ignorada pelos professores. A principal conclusão é que a EEFM é essencial para as crianças, ainda que ninguém tome uma posição para tornar obrigatória a lecionação desta subárea das expressões. O presidente da SPEF revelou que esta entidade tem reuniões constantes com a tutela onde são apresentadas todas as questões aqui expostas. É importante referir ainda a importância e relevância que este agrupamento tem dado a todo este processo de coadjuvação. Foi inclusive explícito que este deveria ser apresentado para que outras pessoas, escolas e agrupamentos tenham noção da importância que um projeto deste tipo pode ter.

### **3.3. Área 3 – Participação na Escola**

#### **3.3.1. Análise – Desporto escolar**

Como refere o Ministério da Educação e Ciência (2013):

O Programa do XIX Governo Constitucional assume o desporto como uma componente essencial do desenvolvimento integral dos cidadãos. Nesse sentido, no âmbito da educação, ganha especial relevância a dinamização do Desporto Escolar enquanto estratégia de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis. O Programa de Desporto Escolar, refletindo os propósitos enunciados, e tendo presente o disposto no Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, visa criar condições para o alargamento gradual da oferta de atividades físicas e desportivas, de caráter formal e não formal a todos os alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória e, ainda, para o estímulo aos alunos e modalidades com elevado potencial desportivo, presentes nos quadros competitivos nacionais e internacionais.

No DE e juntamente com os meus colegas do NE, desenvolvemos um trabalho cooperativo no núcleo de ginástica. Foi com muita satisfação que fiquei inserido neste núcleo, uma vez que era uma das matérias em que eu tinha mais dificuldades, tendo portanto representado uma grande oportunidade de formação. Fomos responsáveis pelo planeamento, condução e avaliação do núcleo de ginástica em coadjuvação com o professor orientador. O professor deu-nos toda a liberdade para aplicarmos os nossos conhecimentos, e sempre que tivemos dúvidas ajudou-nos bastante.

A primeira tarefa realizada no DE foi a divulgação do núcleo. Criámos cartazes e distribuímos os cartazes pelas duas escolas, a EB 2,3 Gaspar Correia e a ESP. Realizámos estes cartazes antecipadamente com o objetivo de conseguir informar e cativar o maior número de alunos possível logo para a primeira sessão. Procuramos, também, junto das turmas que lecionávamos captar o maior número de alunos possível para este núcleo, ainda na divulgação, optamos por falar diretamente com alguns alunos que já tinham pertencido ao núcleo de ginástica no ano transato, de modo a que estes transmitissem a informação e tentassem captar mais alunos para este núcleo. Em nossa opinião poderíamos ter cativado mais os professores do DEF na divulgação do núcleo. Concluindo, pensamos que fomos pró-ativos e bastante dinâmicos na divulgação do DE.

No que diz respeito ao planeamento optamos por dividi-lo em 4 etapas: avaliação inicial, 1ª etapa - aprendizagem, 2ª etapa - desenvolvimento e 3ª etapa - consolidação.

Inicialmente optamos por realizar um período de avaliação inicial, uma vez que entraram muitos alunos novos no núcleo. Através deste período fomos capazes de diagnosticar o nível em que se encontrava cada um dos alunos. O registo dos dados recolhidos nas sessões foi realizado fora das mesmas, depois de refletirmos sobre os mesmos. Procuramos que este período não fosse apenas um momento de avaliação mas também um momento de promoção de aprendizagens. As primeiras sessões de ginástica tiveram como principal objetivo efetuar o diagnóstico do nível de desempenho dos alunos que fazem parte do núcleo. Desta maneira tornou-se possível dar feedback e escolher exercícios de forma diferenciada, tendo em atenção as capacidades individuais de cada aluno. Penso que esta foi uma boa estratégia adotada, pois conseguimos num curto espaço de tempo ter a noção das qualidades/dificuldades de cada um dos alunos.

Na 1ª etapa optamos por criar situações de aprendizagem onde foram trabalhados os elementos gímnicos básicos. Os alunos foram divididos em grupos de nível o que promoveu a diferenciação do ensino. Procuramos adequar sempre o feedback utilizando, procurando sempre diferenciá-lo perante as diferentes situações que iam surgindo. Nesta fase penso que poderíamos ter diferenciado mais as situações de aprendizagem, pois alguns alunos cumpriram rapidamente os objetivos definidos. Desta forma, numa determinada fase, já não estavam a aprender, limitando-se a realizar a repetição sucessiva de alguns elementos. Podíamos ter introduzido elementos mais complexos, o que teria proporcionado uma motivação extra. Nesta etapa fiquei responsável pelo controlo das estações de solo e da barra fixa. Penso que desenvolvi competências importantes nestes aparelhos, no entanto, considero que deveríamos ter definido desde o início que cada um de nós ficasse responsável por um grupo de alunos, assim circulávamos por todas as estações e poderíamos intervir junto de diferentes aparelhos e elementos gímnicos.

Na 2ª e 3ª etapa trabalhamos sempre para promover as aprendizagens dos alunos e também para preparar os encontros que estavam agendados na nossa calendarização. Realizámos uma divisão dos grupos de nível e cada um deles ficou à responsabilidade de um dos professores estagiários. Esta opção proporcionou uma maior capacidade de diferenciar o ensino. Estes grupos foram sempre abertos na sua constituição, onde esteve sempre prevista a possibilidade de os alunos alterarem o seu grupo de nível de acordo com a sua evolução individual. Nestas etapas já apresentamos uma maior capacidade de criar novas situações de aprendizagem. A evolução dos alunos foi enorme, sempre que surgiam novas situações estes ficavam entusiasmados e o seu interesse pela prática era ainda maior.

Ao longo do ano o núcleo de Ginástica realizou duas apresentações do trabalho desenvolvido pelos seus elementos. A primeira foi no encontro de Ginástica de Grupo que teve lugar dia 29 de Março, na Escola Secundária da Ramada, Odivelas, e ao qual levámos 19 alunos. Participaram juntamente com o nosso núcleo, outros núcleos de outras escolas. A participação neste encontro decorreu bem e os alunos conseguiram realizar a coreografia praticamente sem falhas. Todos os alunos tiveram um desempenho notável perante um pavilhão cheio. Em termos formativos esta participação no encontro do DE foi bastante importante, pois permitiu-me: contactar com outras realidades, ver diferentes formas de trabalhar e perceber a que tipo de esquemas ou elementos o público reage melhor.

Foi o primeiro encontro do DE em que participei. Enquanto aluno, não tive a possibilidade de participar e como professor estagiário foi a 1ª experiência. Considero que estes encontros são muito importantes para os alunos, pois estes têm assim a possibilidade de interagir com outras pessoas e de aplicar de uma forma mais competitiva o que aprendem ao longo do ano. Penso que esta característica mais competitiva do DE pode proporcionar momentos importantes para os alunos, uma vez que têm que saber ser respeitadores e têm que aprender a lidar com a vitória e com a derrota.

A segunda apresentação ocorreu no X Festival de Ginástica da Portela, no dia 30 de Maio. Neste evento do final do ano participaram 16 alunos. A prestação dos alunos foi excecional, tendo o esquema final e a sua execução sido muito elogiado por diversos professores da escola, nomeadamente do DEF. Os alunos apresentaram-se muito motivados, uma vez que tiveram a oportunidade de apresentar todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo de um ano.

Penso que poderíamos ter realizado auto e heteroavaliação com os alunos do núcleo de DE, uma vez que os teríamos envolvido mais nas respetivas aprendizagens. Não planeámos nenhum momento para o fazer e isso constituiu um ponto negativo nesta área.

Gostaria também de ter tido a possibilidade de acompanhar outro núcleo de DE, se possível de um JDC. É um desafio trabalhar com uma equipa e penso que poderia ter evoluído ainda mais se esta participação tivesse ocorrido.

A participação no núcleo de DE foi sem dúvida propícia a momentos de enorme partilha quer com os colegas do NE quer com os professores orientadores. Esses momentos proporcionaram claramente uma evolução das minhas competências face a esta matéria. Sinto-me hoje muito mais à vontade para lecionar esta matéria, quer ao nível da qualidade do feedback, quer ainda, ao nível das ajudas manuais, quer ao nível da criação de situações de aprendizagem para esta matéria.

### **3.3.2. Análise – Atividade interna**

A atividade interna refere-se às atividades que vêm definidas no plano anual de atividades desde o início do ano letivo. Durante o ano foram inúmeras as atividades em que participei. Neste relatório não vou querer descrever tudo o que se passou em cada uma das atividades mas sim destacar o que cada uma contribuiu para a minha formação individual.

O primeiro aspeto que quero destacar foi a atitude que tive em relação a todas as atividades que participei. Procurei sempre estar o mais disponível possível para a atividade tentando contribuir para que esta decorresse em perfeitas condições, fui responsável e dediquei-me sempre ao máximo.

A constante troca de ideias e opiniões com os membros do departamento, promoveram momentos únicos de partilha onde foram evidentes os ganhos de conhecimento. Cada professor é especialista numa determinada matéria e as oportunidades de formação que isto acarreta são únicas. Foi sempre criado um clima espetacular em todas as atividades, quer entre os professores do agrupamento, quer entre os participantes e os professores.

Em relação à minha turma penso que é importante destacar a participação constante de um grupo de alunos na totalidade das atividades. Todos eles apresentaram uma postura corretíssima e por vezes com excelentes desempenhos, quer individuais quer coletivos. Estas atividades proporcionaram momentos de união únicos no seio da turma. Os colegas que não participaram estiveram sempre presentes a incentivar o grupo. Senti muito orgulho quando vi os alunos da turma envolvidos nestas atividades.

No torneio de ginástica fui juiz na ginástica de solo. Esta tarefa deu-me particular satisfação. Além de ser uma matéria que não domino completamente, esta função acarretou uma grande responsabilidade. Acho que consegui avaliar os alunos de uma forma correta e justa e isso revelou-se na proximidade das classificações atribuídas pelos 3 júris. Foi mais um momento em que adquiri novas competências em relação a esta matéria, a capacidade de observar e atribuir uma classificação a um elemento gímico foi algo que consegui adquirir com esta experiência.

Em algumas situações fui responsável pela arbitragem de jogos. Esta situação obrigou-me a realizar um pequeno estudo autónomo, nomeadamente na matéria de basquetebol e voleibol. Os gestos e sinais dos árbitros são diversificados. Uma vez que foi a 1ª vez que exerci esta função, a arbitragem acabou por provocar um excelente momento de formação. De destacar ainda a cooperação de colegas do departamento, especialistas nestas matérias, e que contribuíram para o meu desenvolvimento.

O envolvimento na organização e controlo destas atividades fez com que conseguisse desenvolver competências ao nível da organização e gestão de atividades na escola. É de destacar igualmente a variedade de matérias que foram abordadas nestas atividades, o que levou ao desenvolvimento e aprofundamento do meu conhecimento sobre essas matérias.

No que diz respeito ao Gaspar a rematar, o torneio foi organizado na sua totalidade pelo NE. É um torneio de Futsal para o 3º ciclo e realizou-se sempre perante um espírito de grande competitividade, onde todas as turmas procuraram chegar à final. Isso provocou nos alunos uma lógica de superação, um aspeto que deve merecer destaque. Apesar da competição reinou um espírito de companheirismo e entreaajuda. Para os próximos anos, pensamos que é importante tentar juntar os vencedores dos 3 anos de escolaridade e realizar um torneio final para decidir qual a equipa vencedora da Escola básica 2,3 Gaspar Correia. Uma outra ideia a introduzir será a de alargar o torneio às turmas do 3º ciclo da ESP, pois vai envolver mais alunos e mais organização. Acreditamos que esta iniciativa iria causar ainda mais entusiasmo junto dos alunos.

No que diz respeito à população alvo, esta atividade não atingiu os objetivos. Era expectável a participação de 9 equipas femininas, mas só 3 se inscreveram e apenas 1 participou. Este aspeto deve-se ao desinteresse das raparigas pela prática desta matéria. No futuro talvez faça mais sentido, para as raparigas que queiram participar, joguem na equipa da turma dos rapazes e que uma das regras do torneio seja que durante todo o jogo pelo menos tem que haver um jogador do sexo feminino em campo.

O X festival de ginástica da Portela foi organizado, como é habitual, pelo professor orientador de escola e pelo NE. Um dos seus principais objetivos continuou a ser a promoção da atividade física e a adoção de estilos de vida saudáveis. Os objetivos desta atividade vão portanto ao encontro do que vem definido no PE do AEPM. Este encontro decorreu como habitualmente num espaço exterior à escola, mais concretamente no jardim Almeida Garrett, o que proporcionou um envolvimento de toda a população da freguesia de Portela e Moscavide.

Numa primeira fase realizamos o projeto da atividade e ficámos responsáveis pela sua apresentação junto da direção da escola e junto da presidente da junta de freguesia. De seguida, foram realizados os primeiros contactos exploratórios com os clubes que viriam a participar no evento. Nesta fase foi essencial a colaboração do professor orientador de escola, uma vez que tinha os contactos, o que facilitou este processo. Visto que o festival já tem uma grande tradição, não foi necessário fazer a apresentação do mesmo aos clubes. Considero que aquando da realização de um evento novo, é importante que seja

amplamente divulgado junto de todas as entidades envolvidas. Neste caso, a divulgação começou com a elaboração de um cartaz por parte do NE. Posteriormente, esse cartaz foi entregue à junta de freguesia e a junta ficou responsável pela distribuição.

O festival foi presenciado por um elevado número de participantes, foi um constante ao longo de todo o evento o espaço envolvente ao recinto estar repleto de pessoas. Penso que é importante destacar o elevado número de clubes e atletas participantes.

Todo o processo relacionado com a execução da atividade proporcionou-me um ganho de competências ao nível da gestão e organização de eventos desportivos. Todos os pormenores são essenciais, por isso é imperativo realizar um planeamento muito cuidado, de forma que não surjam surpresas aquando da execução da atividade.

Convidámos um colega para a realização de uma sessão de Zumba. Esta decisão revelou-se acertada na medida que em si se notou a presença de muitos espetadores na aula. Como crítica, admito que o festival foi um pouco extenso, o que poderá ser alterado em futuros projetos.

O NE promoveu ainda um evento para toda a comunidade escolar: um passeio de bicicleta, focado na promoção da atividade física. Considero que esta atividade decorreu da melhor forma e foi ao encontro do principal objetivo. O ambiente foi salutar e destaco ainda o contributo de 3 alunos do curso profissional de técnicos de gestão desportiva do 12º ano. Foram sempre prestáveis e demonstraram muito interesse pela atividade.

O projeto foi realizado e foi apresentado em primeiro lugar à diretora da escola. Uma vez que era um projeto novo tínhamos algumas dúvidas de como seria a aceitação das entidades envolvidas. A diretora aceitou o projeto, que posteriormente foi apresentado à presidente da junta de freguesia local, que também o considerou muito interessante. Depois das apresentações, iniciámos a divulgação do evento, através de vários posters e convites. A junta de freguesia colaborou na distribuição destes posters pela localidade. Considero que a divulgação não foi efetuada com a antecipação devida e por isso pudemos contar com a presença de 60 pessoas. No futuro, este projeto deve ser planeado logo desde o início do ano de forma a tentar envolver mais as pessoas, uma vez que é uma atividade com algum potencial. Não conseguimos realizar a apresentação da atividade em reunião de departamento o que levou a que os professores de EF não demonstrassem grande interesse pela atividade. Fico precisamente com a ideia que é bastante difícil mobilizar as pessoas quando estas criam expectativas baixas em relação a alguma situação.

Relativamente aos recursos materiais e humanos, conseguimos de forma positiva colmatar todas as necessidades da atividade. Neste campo o facto de o AEPM ter ao seu



dispor um conjunto de bicicletas e capacetes para segurança foi sem dúvida uma mais-valia. Um dos pontos a melhorar diz respeito aos recursos materiais. Esse foi um fator limitador da atividade, pois nem todas as pessoas têm acesso ao equipamento, isto é, à bicicleta e ao capacete. Por isso, é preciso arranjar estratégias para colmatar a falta de equipamento. Como já foi referido, o agrupamento disponibilizou um conjunto de equipamentos que possibilitaram colmatar algumas lacunas mas com o aumento de participantes o material disponível poderia não satisfazer as necessidades. Neste sentido seria importante procurar suporte, ao nível de patrocínios com grandes superfícies comerciais desportivas para a possibilidade de venda deste equipamento por um preço convidativo ou mesmo para o aluguer por um preço acessível deste tipo de material.

A participação nestas atividades foi para mim, sem qualquer tipo de dúvida, uma experiência muito enriquecedora. Tive a possibilidade incluído na organização de uma atividade física com um elevado número de praticantes. Foi igualmente um momento de grande partilha e reflexão com os outros colegas do departamento sobre a temática da organização de eventos. Estes momentos são únicos e promovem ganhos de novas competências. Penso que demonstrei disponibilidade para ajudar os colegas do departamento na coadjuvação do torneio, nunca recusando nenhuma função para a qual tenha sido escolhido.

### **3.4. Área 4 – Relação com a comunidade**

Segundo Roldão (1995):

A função de diretor de turma incorpora um conjunto de vertentes de atuação correspondendo aos seus diversos interlocutores: alunos, professores e encarregados de educação. A atuação do diretor de turma junto dos alunos e encarregados de educação tende, na prática mais comum, a prevalecer sobre a ação junto dos professores que é, contudo, uma dimensão crucial deste cargo, que não pode, aliás, ser dissociada das restantes.

#### **3.4.1. Estudo de turma**

O estudo de turma foi elaborado ao longo do 1º período e na elaboração deste documento recorri às fichas de caracterização individual do aluno, ao questionário dos conhecimentos e à realização de um teste sociométrico e outro de autoconceito.

Durante o ano letivo foram realizadas 2 apresentações em conselho de turma relacionadas com este documento. A 1ª apresentação teve como base a ficha de caracterização individual dos alunos, desta forma consegui apresentar aos professores alguns dados importantes sobre a realidade da turma. A 2ª apresentação teve como base os testes sociométrico e de autoconceito esta apresentação correu bastante bem e os professores demonstraram muito interesse nos dados apresentados.

O estudo de turma e as apresentações foram enviados a todos os membros do conselho de turma. O *timing* da apresentação dos testes de autoconceito e sociométrico poderia ter sido melhor calculado. A apresentação deveria ter sido feita mais cedo, para que os professores pudessem usar os dados recolhidos como uma ajuda na leção das aulas. Esta fase do estágio pedagógico foi complicada pois tive muitos documentos para realizar e, acima de tudo, serviu de adaptação à nova realidade.

Este documento é bastante extenso e requer investimento por parte dos professores. Interroguei-me, nesta fase, sobre como será possível a um diretor de turma com horário completo realizar um documento deste tipo. Considero que é muito difícil para um diretor de turma, além da realização das funções que lhe estão inerentes, acumular a concretização deste tipo de documentos, considero no entanto, a pertinência deste estudo. A solução poderá passar pela ajuda dos outros professores do conselho de turma, por exemplo no tratamento de dados dos testes sociométrico e de autoconceito.

Considero que o teste sociométrico pode fornecer informação muito importante aos professores, uma vez que é um teste que nos dá os graus de relação entre os alunos, ou seja, os que são mais rejeitados e os que são os preferidos. Esses dados poderão ser usados no estabelecimento de grupos nas aulas.

### **3.4.2. Acompanhamento direção de turma**

Como é referido por Roldão (1995):

O diretor de turma desempenha, junto dos docentes da turma, uma função de coordenação — das atuações de cada um deles no âmbito da respetiva área de docência — e de articulação/mediação entre essa ação dos professores e os restantes atores envolvidos no processo educativo: os alunos e os encarregados de educação. Estas funções do diretor de turma situam-no assim na interface entre duas áreas de intervenção: a docência e a gestão. O diretor de turma é, por um lado, um docente que coordena um grupo de docentes e é, simultaneamente, um elemento do sistema de gestão da escola a quem cabem responsabilidades na gestão global do conselho de turma a que preside.

Os objetivos que defini no projeto de acompanhamento de turma foram na sua globalidade atingidos. Numa fase inicial o principal objetivo deste acompanhamento foi o de conhecer melhor a turma, num contexto diferente, ou seja fora das aulas de EF. Este aspeto foi importante para a elaboração do estudo de turma. Ao longo do 1º período mantive conversas constantes com a diretora de turma o que me facilitou o processo de conhecer a turma e os alunos individualmente. Portanto com a cooperação existente com a diretora de turma penso ter conseguido identificar as principais características da turma, tanto ao nível social como ao nível cultural, o que contribui para que identificasse as características mais positivas e negativas da turma. Estas informações foram importantes para todo o processo de aprendizagem dos alunos ao longo do ano, não só, para a disciplina de EF, como também, para as outras disciplinas.

Ao longo do ano letivo participei sempre nas atividades da direção de turma e do conselho de turma. No 1º período foi sempre a diretora que me informou sobre as reuniões que iriam ser efetuadas. No 2º e 3º período assumi uma atitude mais proactiva e já não foi necessário que a professora me informasse dos assuntos relacionados com a turma, pelo contrário, tentei sempre antecipar-me e saber que atividades/reuniões iriam ser realizadas. Esta mudança de atitude foi muito importante, no entanto, penso que poderia ter assumido

esta opção desde o início do ano, algo que não consegui devido ao facto do impacto inicial do estágio e às inúmeras tarefas que tive que realizar nessa altura.

Nos conselhos de turma mantive sempre uma atitude bastante dinâmica e disponível para ajudar no que fosse necessário. Nas primeiras reuniões fiquei responsável por apresentar uma caracterização da turma aos professores, na qual consegui transmitir dados importantes para a lecionação das aulas de todos os professores. Num dos conselhos de turma fiquei responsável pela apresentação do estudo de turma que realizei e mais uma vez os professores mostraram-se interessados pelo tema. Nos conselhos de turma de avaliação fiquei sempre responsável pelo registo das classificações que os alunos atingiram em todas as disciplinas. Considero portanto que desenvolvi um bom trabalho, respeitando sempre todos os professores e, acima de tudo, assumindo uma atitude de cooperação e entreaajuda, em particular junto da diretora de turma. Consegui também entender perfeitamente as responsabilidades deste cargo perante o seu conselho de turma. Adicionalmente, compreendi que o diretor precisa de ser bastante organizado e ter a capacidade de gerir um conjunto de pessoas.

Nas reuniões com os encarregados de educação a postura foi idêntica e a minha presença nas mesmas foi constante ao longo do ano. Fui responsável por algumas tarefas como entregar as fichas de avaliação dos alunos, entregar os planos de acompanhamento para que fossem assinados e em algumas reuniões fiquei responsável pela leitura e apresentação de alguns documentos. Procurei sempre cooperar e ajudar a diretora de turma nas tarefas, desenvolvendo assim competências nesta área específica.

Um aspeto menos positivo deste acompanhamento foi a não possibilidade de assistir às reuniões individuais com os encarregados de educação. As aulas que mantinha na faculdade não permitiram que acompanhasse este processo. Era importante ter participado nestas reuniões uma vez que poderia desenvolver a capacidade de interagir de forma mais correta junto dos encarregados de educação, de forma a solucionar possíveis problemas existentes com os seus educandos.

Na generalidade penso que este acompanhamento permitiu o desenvolvimento de um enorme conjunto de competências. Agora compreendo a importância que o diretor de turma tem essencialmente na interligação entre alunos, professores e encarregados de educação.

## 4. Reflexão Final

Após o fim deste percurso de formação considero que ganhei e desenvolvi muitas competências, não só ao nível da intervenção como professor de EF, mas também a nível pessoal. Este processo foi longo e exaustivo na medida em que as tarefas que foram realizadas se aproximaram muito da realidade do dia-a-dia de um professor. Assumi sempre uma atitude humilde, tentando aprender o mais possível com todas as pessoas com que me relacionei durante este estágio pedagógico.

Esta reflexão tem como intuito fazer referência às experiências mais marcantes que ocorreram neste processo. Essas experiências foram essenciais para o meu desenvolvimento e no futuro farão com certeza parte do meu perfil como professor.

Vou começar esta reflexão por realizar uma interação entre as diferentes áreas que compõem este processo de estágio. Desenvolvi competências nas 4 áreas e muitas destas competências são inerentes a todas as áreas.

O trabalho desenvolvido inicialmente na área 1 foi importantíssimo para realizar o estudo de turma, que está associado à área 4. Foi nas aulas de EF que os alunos preencheram documentos essenciais para a realização deste estudo. Consegui ainda através do contacto constante com os alunos na aula de EF, recolher informações importantes sobre particularidades da turma que vieram espelhadas no estudo de turma e que foram apresentadas a todos os professores do conselho de turma. Com esta informação pretendi colaborar com os outros professores na criação de estratégias de intervenção junto da turma. Ao mesmo tempo o estudo da área 4 foi essencial para o planeamento e condução do ensino junto da turma que me foi atribuída. Foi através deste estudo que consegui perceber quais as dinâmicas que a turma apresentou, e consequente relação entre os alunos. Consegui identificar quais os alunos que eram menos populares perante a turma e ao mesmo tempo os que eram mais populares. Ao identificar estes aspetos consegui intervir junto da turma e desses alunos menos populares, de modo a integrá-los na turma. Já em relação aos alunos mais populares, tentei criar desde o início uma boa relação com estes alunos, pois aproximando-me dos mesmos considero que consegui aproximar-me da turma no seu geral. Muitas vezes estes alunos, pela sua popularidade, são capazes de influenciar um conjunto enorme de alunos, logo esta estratégia foi do meu ponto de vista essencial para o desenvolvimento de um bom clima entre os alunos, e entre o professor e os alunos. Este estudo contribuiu igualmente para a intervenção individualizada junto de alguns alunos. Foi possível recolher alguns dados sobre a perceção que este tinham das suas próprias capacidades. Isto facilitou bastante a

minha intervenção perante alguns alunos, o que possibilitou a adoção de estratégias diferenciadas para a intervenção junto dos mesmos. Alunos com uma autoestima mais elevada não necessitaram que eu os motivasse na mesma medida em que procurei motivar os alunos que apresentaram uma baixa autoestima.

Através da condução do ensino fui capaz de perceber quais as potencialidades/dificuldades que cada aluno tem nas diferentes matérias e deste modo selecionei alunos e tentei inseri-los num núcleo de DE. Em alguns casos, para desenvolver e aprofundar potencialidades que os alunos apresentaram numa determinada matéria e noutros para tentar superar algumas dificuldades que estes alunos apresentavam. Aqui fica bem patente a relação existente entre a área 1 e a área 3. Noutro sentido, o trabalho desenvolvido no núcleo de DE ginástica veio contribuir para que eu pudesse superar algumas lacunas que evidenciei no início do ano. As necessidades de formação que sentia nesta matéria eram grandes e o DE contribuiu para que tivesse excelentes momentos de formação. O professor orientador de escola foi aqui um elemento essencial devido à sua formação específica. Melhorei a qualidade do *feedback*, consegui desenvolver competências ao nível das ajudas e, essencialmente, fui capaz de observar e compreender em que componentes críticas era necessário intervir para que o aluno desenvolvesse o seu processo de aprendizagem. Assim, a intervenção na matéria de ginástica junto da minha turma ficou consideravelmente beneficiada, através dos ganhos que adquiri junto do núcleo de DE.

Durante todo este relatório foi explicado e analisado em detalhe tudo o que foi realizado em cada uma das áreas o que poderia deixar a ilusão que estas funcionaram em total dependência umas das outras. Cada uma destas áreas mereceu especial atenção em momentos diferenciados do estágio, no entanto a multiplicidade de aprendizagens e competências adquiridas em cada uma tornou todo o processo de formação mais coerente e objetivo. Sendo assim considero de todas as áreas foram transversais a todo o processo de formação e contribuíram na medida adequada para o que era necessário em cada momento.

Um dos principais ganhos que adquiri com este estágio foi a perceção da importância da criação de uma boa relação com os alunos. Tinha uma ideia um pouco diferente em relação a esta temática no início do estágio, um pouco devido à minha formação inicial ter sido efetuada em treino desportivo, aqui existe uma visão de formação integral dos atletas e a motivação dos mesmos é muito vinculada uma vez que realizam a modalidade que mais gostam. Pelo facto dos atletas terem esta motivação intrínseca para a prática, o treinador não sente tanto a necessidade de desenvolver este aspeto. Na EF ocorre

precisamente o contrário, os alunos são obrigados a realizar as aulas de EF quer gostem ou não da disciplina, quer tenham ou não motivação para a prática da mesma.

A necessidade que senti de me aproximar dos alunos foi muito vinculada e isso refletiu-se na relação que procurei ter com eles. Se os jovens já não estão motivados para participar nas aulas, caso se deparassem com um professor autoritário e que tivesse dificuldades em relacionar-se com os alunos, o seu interesse perante as aulas iria com certeza diminuir. Penso que fui capaz que compreender esta situação e acima de tudo adaptar-me ao contexto que encontrei na minha turma. Para isto contribuiu muita reflexão da minha parte e também um enorme contributo dos professores orientadores e dos meus colegas de estágio. Foi através de conversas informais e de reflexões conjuntas que entendi a importância de criar uma relação mais próxima com os alunos. A clara melhoria apresentada pela turma no que diz respeito ao interesse e à motivação para a prática desta disciplina não aconteceu por mera coincidência: acredito que foi a partir da melhoria do relacionamento com os alunos que esta tendência se verificou.

Quando comecei o processo de estágio a minha ideia era que as aulas fossem todas politemáticas, tanto as de 45' como as de 90'. Atualmente considero que as aulas de 45' e de 90' devem ter dinâmicas e características completamente diferenciadas. Uma aula de 45' deve conter uma estrutura simplificada para que seja possível rentabilizar o tempo da sessão e não deve existir grande necessidade de montagem/desmontagem de materiais. As situações de aprendizagem devem ser mais simplificadas e objetivas de modo a que os alunos não percam tempo com a perceção das mesmas. Se as tarefas forem muito complexas podem ocorrer situações em que quando os alunos percebem o que se pretende realizar e conseguem ter algum sucesso, pode-se correr o risco de a aula estar a terminar. Nestas aulas considero que a melhor estratégia será a abordagem de apenas uma matéria. As aulas de 90' penso que devem ser sempre politemáticas, pelos motivos precisamente contrários aos que relatei anteriormente. Considero que as aulas politemáticas podem ser importantes para manter o aluno com níveis de concentração elevados durante todo o período da aula. Este aspeto advém da variabilidade de situações de aprendizagem que se conseguem manter nestas aulas o que obriga os alunos a manterem um nível de concentração elevado e acima de tudo a criar expectativas positivas em relação às tarefas propostas.

Considero que as aulas de EF são muito importantes na inclusão dos alunos. As características destas aulas fomentam precisamente este aspeto: a entreajuda e a cooperação constante que é necessária gera proximidade. Foi uma constante ao longo do ano observar nos conselhos de turma professores a fazerem referências às dificuldades

que tinham em incluir todos os alunos nas aprendizagens. Esta situação foi contrariada precisamente através das aulas de EF. O clima criado nas aulas foi propício a que este processo de inclusão fosse muito mais objetivo.

Toda a documentação que foi elaborada ao longo do estágio revelou-se fundamental para o meu processo de formação, uma vez que proporcionaram o ganho de conhecimentos e um conjunto vastíssimo de experiências que constituem uma base para que evolua enquanto futuro docente. Por ter sido o meu primeiro contacto com uma realidade escolar considero este estágio o principal momento de formação que obtive durante todos estes anos. Foi neste ano que tive a possibilidade de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da minha formação, sempre num contexto de supervisão realizada por orientadores experientes e especializados. Tive a possibilidade de adquirir ao longo deste ano um conjunto de experiências que considero essenciais aplicar no meu futuro como professor.

Creio que o clima relacional favorável, a partilha de conhecimentos e experiências e a cooperação contribuem para o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores. O contexto em que se inseriu este estágio, ou seja, o AEPM permitiu que estes fatores fossem valorizados. Todas as pessoas que estão ligadas a este agrupamento foram essenciais na minha formação. Acredito que vivemos em constante processo de aprendizagem e que me é possível aprender sempre alguma coisa com qualquer pessoa. Esta política trará benefícios no desenvolvimento da minha atividade como docente. Por último considero essencial destacar a minha turma, pois foi ela que me fez melhorar como professor. Foi através dela que consegui perceber a importância do relacionamento com os alunos: só através de um relacionamento baseado na confiança, no respeito e na amizade será possível realizar um bom processo de ensino-aprendizagem.



## 5. Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide. (2011/2015). *Projeto Educativo*.
- Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide. (2012). *Regulamento Interno*.
- Alarcão, I. (1996). A prática reflexiva dos professores e o seu processo. *Revista Faculdade de Educação*, pp. 11-42.
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? Em *Cadernos de formação de professores* (pp. 21-30).
- Araújo, F. (2007). A avaliação e a gestão curricular em educação física - um olhar integrado. *Boletim SPEF*, 32, pp. 121-133.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, nº10/11.
- Chaves, S. (2007). *Socialização Profissional em Educação Física, Percepções de Formadores e Estudantes do Ensino Superior Politécnico*. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa.
- Dias, L., & Rosado, A. (2003). A avaliação formativa em Educação Física. Em V. Ferreira, *Pedagogia do Desporto. Estudos* 7 (pp. 73-102). Cruz Quebrada: FMH.
- Educação, M. d. (s.d.). Organização Curricular e programas.
- Figueiredo, A. (1998). A valorização geral da Educação Física nos professores de 1º ciclo do Ensino Básico. Em *A criança, a escola e a educação*. (pp. 59-88). Oeiras.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). *Programa Educação Física Ensino Básico 3º Ciclo (Reajustamento)*.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas - 1º Ciclo*.
- Ministério da Educação e Ciência. (2013). *Despacho n.º 9332-A/2013*. Lisboa.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). Teaching physical Education, First online edition of teaching physical education.

- Oliveira, M. (1996). *A prática reflexiva dos professores e o seu processo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didáctica em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, pp. 75-97.
- Onofre, M. (1996). A supervisão Pedagógica no Contexto da Formação Didáctica em Educação Física. Em F. C. Costa, *Formação de Professores de Educação Física. Conceções, Investigação, Prática* (pp. 75-118). Lisboa: Edições FMH.
- Perrenoud, P. (1998). *L'évaluation des élèves. De la fabrication de l'excellence*. Bruxelles, De Boeck.
- Rodrigues, J. (1997). A Análise da Função de Feedback em Professores Profissionalizados e Estagiários, no Ensino da Educação Física e Desporto. Em V. Ferreira, *Pedagogia do Desporto – estudos 1,2 e 3* (pp. 121-132). Lisboa: Edições FMH.
- Roldão, M. (1995). *O diretor de turma e a gestão curricular*. Instituto de inovação educacional.
- Rosado, A. (2003). Conceitos Básicos sobre Planificação Didáctica. Em V. Ferreira, *Pedagogia do Desporto - Estudos 7* (pp. 27-47). Lisboa: Edições FMH.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. Em A. Rosado, & I. Mesquita, *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Edições FMH.
- Sadler, D. R. (1989). Formative assessment and the design of instructional. *Instructional Science*.
- Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education*. Mayfield publishing company.
- Teixeira, M. (2007). *Dificuldades no ensino dos professores estagiários de educação física: sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico*. Lisboa: FMH - Universidade Técnica de lisboa.